

REVISTA DE ENSINO

Vendem-se collecções encadernadas da

REVISTA DE ENSINO

ENSINO MILITAR

Brevemente sahirá á luz um livro, contendo, as lieções publicadas na «Revista de Ensino», pelo prof. Augusto de Carvalho.

Será dividida nas seguintes partes: *escola de recruta sem arma; escola de recruta com arma; escola de esquadra; escola de companhia; escola de batalhão; toques de corneta relativos ao contexto do livro.*

S. PAULO ↔ SETEMBRO DE 1908 ↔ ANNO VII

REVISTA DE ENSINO

ORGAM

— DA —

Associação Beneficente

— DO —

PROFESSORADO PUBLICO DE SÃO PAULO



REDACTOR--SECRETARIO:

AUGUSTO RIBEIRO DE CARVALHO

REDACTORES EFFECTIVOS:

THEODORO JERONYMO RODRIGUES DE MORAES

BENEDICTO MARIA TOLOSA

ANTONIO PEIXOTO, JUSTINIANO VIANNA



PUBLICAÇÃO TRI-MESTRAL



NUMERO 3



TYPOGRAPHIA NACIONAL

— DE —

CARLOS BORBA

Rua 11 de Agosto, 13 — (Antiga do Quartel)

EXPEDIENTE

Toda a correspondencia relativa á
“REVISTA DE ENSINO”
deverá ser dirigida ao seu redactor-secretario

Prof. Augusto R. de Carvalho
CAIXA DO CORREIO N. 183

REVISTA DE ENSINO

Para que serve a Associação?

S. Paulo, setembro de 1908

E' chegado o momento de, por nossa vez, repetir essa pergunta, que sempre escapa dos labios de muitos professôres, mesmo até dos que della fazem parte:— *Para que serve a Associação?*

Para aquelles que se não importam com os infortunios alheios, para aquelles que voltam as costas á causa do ensino e aos interesses do magisterio publico— nenhuma resposta parece existir que não seja eivada de condemnação, de reprovação ou de ridiculo.

Muita gente pensa que uma associação beneficente é uma cornucopia de fortuna, ou uma mina inexgotavel de thesouros e de riquezas.

A *Associação Beneficente do Professorado Publico*, tanto como o permitem os seus modestos recursos, tem sempre pugnado pelo progresso e melhoramento do ensino, já na imprensa, já na tribuna, e levado o contôrto a muitos lares e a muitos dos cora-

ções, cujas alegrias fôram enlutadas por muitos dolorosos dissabôres e privações.

Só não o sabem os indifferentes, os renegados da classe, obcecados pelo despeito.

Quantas vezes não levantou da enxerga da miseria os desfavorecidos da sorte?

Ahi se acham, nos archivos sociaes, os documentos que esmagam aos ingratos e aos detractôres gratuitos.

Si mais não tem feito em pro do ensino, por amôr da collectividade, é porque lhe foge a solidariedade, a adhesão e o apoio da maioria dos professôres.

A *Associação*, sem espalhafatos, sem ruidosas ameaças, entregou, ao sr. dr. Henrique Coelho, advogado nos auditorios da Capital, o patrocínio da causa movida pelo seu thesoureiro — sr. Isidro Denser — professor normalista, contra o Estado, por privação do cargo e diminuição dos seus vencimentos.

Ainda é cedo para se cantar victoria; mas, a presente acção vem demonstrar que para alguma coisa, pelo menos, já foi util a *Associação* . . . Muitos serão os professôres que o reconhecerão agora.

Accão contra o Estado

Eis a sentença do juiz—dr. Urbano Marcondes — na causa movida pelo professôr Isidro Denser, contra o Estado, por privação do cargo e diminuição dos seus vencimentos:

«Vistos, etc..»

Isidro da Conceição Deuser, professôr normalista, nomeado, por decreto de 18 de agosto de 1891, para reger a escola do sexo masculino do 19.º districto da Capital, e por decreto de 1 de fevereiro de 1896, para cargo de professôr do grupo escolar do Sul da Sé, propoz, neste Juizo, a presente acção ordinaria contra a Fazenda do Estado, allegando:

a)—que elle auctôr é professôr vitalicio nos termos da lei e regulamentos em vigôr;

b)—que como funcionario vitalicio não pôde ser privado do cargo, assim como não podem ser diminuidos os seus vencimentos, por terem direito adquirido aquelles que pertenciam ao seu cargo, ao tempo da nomeação e posse;

c)—que, não obstante isso, a lei n. 896 de 30 de dezembro de 1903, art. 19, mandou fazer-lhe o desconto de 15 % nesses vencimentos, desde que entrou em execução;

d)—que não podendo se conformar com essa redução do seu ordenado, quer propôr contra a Fazenda do Estado a presente acção, para o fim de ser a mesma condemnada a lhe restituir a importancia dos descontos que lhe têm sido feitos desde 1 de janeiro de 1904, e a pagar desde então os vencimentos de 350\$000 réis a que tinha direito, juros da mora e custas.

Citada a Fazenda do Estado na pessoa do seu representante, o dr. sub-procuradôr, contestou ella a acção por negação.

Aberta e encerrada a dilação probatoria, vieram as partes com as suas allegações finaes de fls. 13 a 31.

O que tudo visto e ponderado: Considerando que as leis n. 81 de 6 de abril de 1887, 169 de 7 de agosto de 1893, 295 de 19 de julho de 1894, 520 de 26 de agosto de 1887, e os regulamentos de 22 de agosto de 1887, art. 19, de 20 de junho de 1890, art. 130, 144 «b» de 30 de dezembro de 1892, art. 518 o 519 do regulamento de 27 de novembro de 1893 e os arts. 74 e 75 do regulamento 513 de 11 de janeiro de 1898, garantem em suas disposições a vitalicidade dos professôres nomeados e empossados no regimen e vigencia dessas mesmas leis;

Considerando que o auctôr, diplomado pela Escola Normal da Capital foi nomeado por decreto de 18 de agosto de 1891 para reger a cadeira do 19.º districto desta Capital e por decreto de

1 de fevereiro de 1896 foi nomeado professôr do grupo escolar do Sul da Sé, sendo por isso um funcionario vitalicio, na fórma das leis citadas;

Considerando que si ao funcionario não vitalicio é permittido alterar, diminuindo os seus vencimentos, em virtude da faculdade geral de criar e supprimir empregos, o mesmo não se pôde dizer do funcionario vitalicio, que não pôde ser privado do cargo sinão nos casos e fórma da lei;

Considerando que os vencimentos do cargo constitue a sua parte economica e lhe são essenciaes, pois ninguem adquire um emprego vitalicio por mera recreação e sem os proventos que lhe são inherentes;

Considerando que o direito ao estipendio, tractando-se de funcionario vitalicio, é direito adquirido, de sorte que o seu ordenado não está sujeito a diminuição ou redução.— *Acc. do Supremo Trib. Fed. de 10 de novembro de 1896. «Dir», vol. 102;*

Considerando, que si licito fosse ao poder legislativo ou executivo diminuir ou reduzir os vencimentos dos funcionarios vitalicios, estaria por isso mesmo armado da faculdade de por meio indirecto, extinguir-lhe os cargos, extinguindo-lhes as vantagens e forrando-se ás obrigações contrarias contra a vontade do titular do direito; Considerando demais que o

art. 74 da Constituição Federal garante em toda a sua plenitude os cargos inamoviveis, de modo que o seu titular não pôde ser privado de qualquer vantagem do cargo, qualquer que seja o motivo que exista para isso;

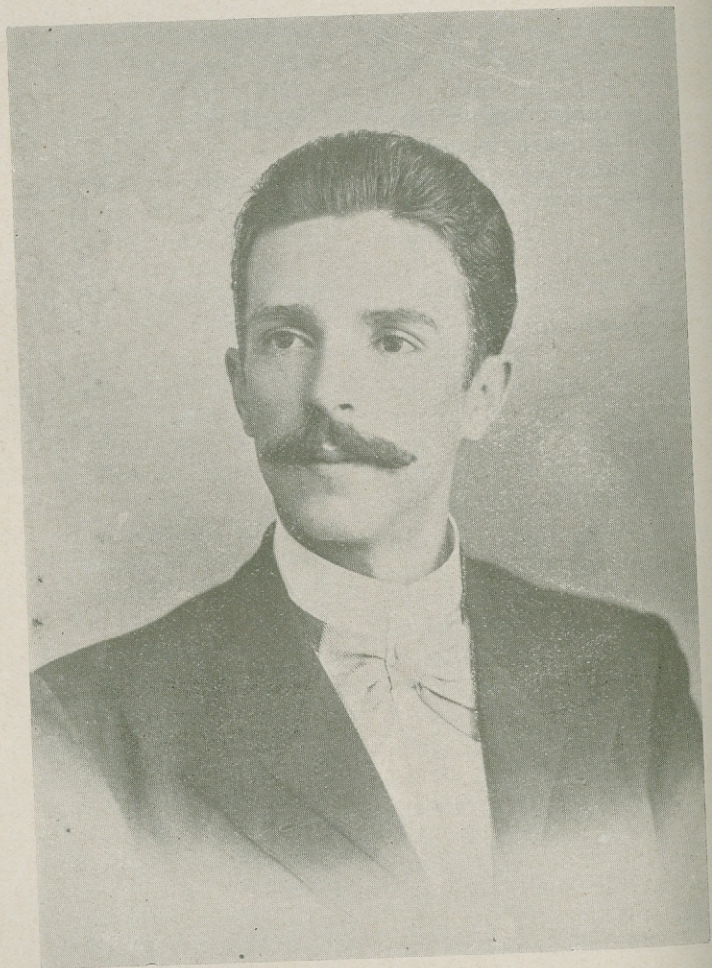
Considerando, por tanto, que si as crises financeiras podem suspender ou retardar os pagamentos dos funcionarios vitalicios, não podem diminuil-os e menos extinguil-os, sem grave offensa a direitos incontravosos;

Considerando que o Supremo Tribunal Federal, ainda em recente accordam de 4 de abril de 1908, annulou por inconstitucional uma lei orçamentaria de Pernambuco, na parte em que, a pretexto de imposto, diminuiu os vencimentos de funcionarios vitalicios daquelle Estado;

Considerando finalmente o mais dos autos;

Julgo procedente a presente acção para condemnar a Fazenda do Estado a pagar ao auctôr, Isidro Denser, os vencimentos a que tinha direito ao tempo de sua nomeação, e a restituir-lhe a quantia que por torça da lei 896 de 30 de novembro de 1903, lhe tem sido descontada, juros da mora e custas.

P. intime-se. São Paulo, 5 de setembro de 1908.— Urbano Marcondes.



ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO

ARNALDO DE OLIVEIRA BARRETO

O professor Arnaldo de Oliveira Barreto nasceu em Campinas, nessa pequena Athenas de S. Paulo, a 12 de setembro 1869.

E', portanto, bem moço: tem apenas trinta e nove annos de idade: completa-os nessa data memoravel em que se apagou para sempre o verbo convincente e doutrinario de Caetano de Campos.

Fôram-lhe paes um pharmaceutico gaúcho official da Ordem da Rosa—sr. Antonio Jesuino de Oliveira—e uma distincta nortista, natural da Bahia—sra. d. Aristhêa Braziliana de Lemos Barreto.

Muito na flôr da idade, no *Collegio Morton*—então um dos melhores do paiz pela erudição do seu corpo docente—apenas com sete setembros de idade, maravilhou os mestres com a rapidez do aproveitamento e com a precocidade de tantas originalidades.

Perdendo, em 1877, o seu extremo pae—não querendo viver sobre a enxerga da miseria, pois sua familia ficou á mingua de recursos—abriu mão dos estudos e entrou para as officinas do *Diario de Campinas*, cujas caixas de typo mal podia alcançar, por

tão pequeno ser o artifice.

A modesta remuneração que recebia era enviada ao seu irmão primogenito, que cursava, no Rio, engenharia civil.

Este, quasi sossobrando em meio da jornada, poude emfim concluir os estudos, não só porque da familia distante lhe extendiam a mão em penosos sacrificios, mas tambem pelo amparo directo que lhe dispensou Arnaldo, trabalhando ao seu lado, em 1884.

Não pararam, porém, ahí os impulsos do seu altruismo: mais se manifestou o seu amôr fraterno e a magnanimidade do seu bello coração.

Foi essa a epocha decisiva da formação do seu character.

Num meio perigoso a um adolescente adquiriu uma actividade por todos admirada, revelando, na idade de quinze annos, as bellas qualidades moraes, que lhe incutira nalma a energia espantosa de sua mãe; e, depois de cumprir a sua digna tarefa, regressou á sua cidade natal, satisfeito por ter deixado o seu irmão com os loureis de uma aprovação final.

Empregado na Mogyana—o novo engenheiro, num transporte de amôr filial repassado de gra-

tidão, incumbiu-se da direcção do lar, alliviando o peso desse sagrado compromisso de sobre os hombros dos irmãos—Raul, Arnaldo e René, nesse tempo já habil typographo; mas a sua morte tragica no rio Jaguára, os fez de novo responsaveis pelos encargos da familia.

Durante tres dias, duas legoas acima da estupenda ponte da estrada—muitos se esforçou Arnaldo, interrogando em prantos as profundezas do rio voraz e assassino, para descortinar atravez das aguas a imagem de quem trazia no peito e na alma.

Mangradas todas as esperanças de topar com o cadaver, no remanso do lar, cheio de saudades do seu companheiro de infancia, resolveu o irmão carinhoso procurar grande remedio para as turvações do animo e que lhe viesse restaurar a paz no coração: dispoz-se a seguir uma carreira mais elevada e que lhe absorvesse os dias, abraçando um teor de vida mais sisudo.

Deparou-se-lhe o do magisterio, cheio de encantos, com as seducções das garrulices infantis, e replenada de stoicismo: queria ser um mestre e não precisava dum excessivo esforço para applicar á direcção e á educação dos espiritos o seu conhecimento da natureza humana.

Approvado com distincção nos exames de sufficiencia—matriculou-se, em 1889, na Escola Normal, sendo diplomado para o ensino primario, em 1891.

Manteve-se á custa de commoventes difficuldades, com os apoucados recursos dos seus trabalhos

no *Diario Mercantil*, no *Vigilante* e no *Prego*, folha humoristica de Augusto Vasques, e com os socorros pecuniarios de seu irmão René.

Teve os primeiros embaraços da estreia na primeira escola de Batataes e venceu—impondo-se á sympathia local—porque levou, para a arena da pratica, os bellos conselhos e ensinamentos que lhe transmittira o mestre e amigo dr. Caetano de Campos.

Faltando-lhe casa e material escolar—como sempre acontece aos mestres do interior do Estado—para o bom exito da sua nobre cruzada, assentou a sua tenda de apostolo no theatro da cidade e deu-lhe a organização pedagogica consentanea com as exigencias modernas, com o espirito da epocha.

Bons alumnos dahi subiram para os estabelecimentos de instrucção superior, da Republica.

Depois, transferiu o seu collegio para uma cadeia velha; e, existindo, em podêr do collectôr da localidade, uma certa quantia do antigo imposto de ensino, conseguiu elle, com esse auxilio, montar duas escolas: a sua e a de d. Athayde de Andrade, com quem se casára.

Em 1893, por motivo de enfermidade em sua senhora, mudou-se para Campinas e ahi reger, primeiro a cadeia da estação de Rebouças; segundo, e em 1894, a terceira da cidade.

Muitos estudantes tambem dahi sahiram e fôram attestar, em outras plagas, a efficacia dos methodos adoptados pelo seu mestre de primeiras letras.

Intentou a Municipalidade dar solida instrucção aos seus concidadãos ou com-municipes e a lei de ensino, que já tinha sido approvada, foi-lhe confiada para refundil-a de acôrdo com a evolução do ensino moderno, cujos preceitos, mais de uma vez, apregoára na imprensa.

Em 1894, devia ser inaugurada a segunda escola-modelo, pois a primeira fôra annexada á E. Normal; e miss Marcia Browne—illustrada americana á serviço de S. Paulo convidou-o para a direcção de uma das classes.

Acceito o honroso convite, assumiu, em julho do mesmo anno, o exercicio do cargo.

Como os vencimentos eram parcamente insufficientes para o amparo da familia, recorreu o esforçado normalista ao ensino particular, para a manter com dignidade e decencia.

Fôra, nesse tempo, fundada, na Estrada do Norte, uma escola primaria e intermediaria, para os filhos dos operarios, e o digno gerente das officinas conhecendo já a sua dedicação ao ensino da infancia, distinguio-o com o cargo de directôr.

Arnaldo Barreto desempenhou tarefas que tanto realce lhe deram ao nome, posto que devamos, com justiça, dar-lhe a primazia do engenho pelo successo da sua missão em proveito dos pequenos proletarios.

Em 1896, encarregado, pelo Secretario do Interiôr, de reorganisar o grupo escolar de Lorena, elle o fez, tornando-o tão bom como a melhor escola-modelo da Capital.

Voltou satisfeito para o seu

logar de professôr da segunda escola-modelo—a do Carmo.

Em 1897, foi ahi buscal-o o directôr da Escola Normal, para inspectôr das escolas annexas.

Sobravam-lhe aptidão, zelo e illustração, para o espinhoso encargo, pois possuia o largo tirocinio de muitas instituições pedagogicas, do *Instituto Campineiro* do abalisado professôr Horacio Scrosopi e, sobretudo, porque nunca se renunciára ás fadigas do estudo.

Viuvo nesse anno, restaram-lhe, apenas, dois travessos pimpolhos—o Mauro e o Rubens—que lhe amenisam os dissabôres da profissão.

Voltou-se a sua actividade para a escripta de livros didacticos, alguns de collaboração com professores e collegas reconhecidos: quasi todos esses seus trabalhos já fôram loureados pelo consenso unanime dos criticos e pela acceitação geral das escolas.

Casou-se, em segunda nupcias, com a exma. sra. d. Maria Francisca de Souza Barreto; mas, pouco tempo lhe duraram as affeições da esposa.

Novamente viuvo, elle foi reductôr-chefe da *Revista de Ensino*, legitimo organ da *Associação Beneficente do Professorado Publico*, a que consagrou toda a pujança do seu espirito.

O seu nome, os seus conhecimentos dos segredos do prelo, a approximação que conseguira de bons elementos, elevaram bem alto o conceito de que goza, dentro e fôra do paiz, essa nossa primordial revista pedagogica.

Modesto, com animo livre e

desassombrado de preconceitos, não se deixando seduzir pelas blandícias da gloria—pensou a principio, como Fröbel, que a natureza o talhára para agricultôr; mas, não o animando galernas virações, frescas e bonancosas, nesse pequeno parenthesis aberto em seu tirocinio pedagogico—esconjurou, então, o desastre da tentativa e aparelhou de novo as armas para outras campanhas em defeza do magisterio publico.

Poeta inspirado, architecto insigne de soberbos edificios literarios—él-o: não ha creança que o não aprecie: caminha ligeiro e sempre pensativo.

Apezar da circumspecção natural da sua physionomia—talhando-o para os cargos em que o prestigio de autoridade é sagrado e intangivel—quantas vezes não se expande em gracejos, com tanta puerilidade, para rejubilar aos peraltas que o cercam e interrogam!

Gosta de vél-os robustos, bonitos e sãos; pensa sempre em dotal-os de um espirito justo e esclarecido e de um coração puro e virtuoso: é educacionista de renome e tal deve ser o timbre dos mestres.

Disciplinadôr austero — acha que nem sempre se emprega a razão com os homens e a força com as creanças; cabe-lhe, portanto, a maxima de Locke: *é preciso levar as creanças pela razão, sem lhes suffocar a iniciativa, que lhes vai aos poucos madrugando.*

Sabe que, repetidas vezes, a creança é coisa e está sujeita á direcção criteriosa dos mais ve-

lhos e que seria um desastre pedagogico esperar pelo desenvolvimento da razão.

Assenta-lhe bem, neste caso, a comparação de Blanchard:—Quando temos de fazer uma grande caminhada, em vez de esperar que o sol saia completamente acima do horizonte, aproveitamos logo os primeiros feixes de luz que elle deixa escapar do seu seio.

Arnaldo Barreto é um nome testejado no magisterio publico de nossa terra e póde figurar na galeria dos—Professôres Illustres.

Reconheceu-o o exmo. sr. dr. J. Cardoso de Almeida, quando Secretario de Estado dos Negocios do Interior e quiz promovê-lo.

Pensou bem: Arnaldo Barreto, nos postos ariscados da sua profissão, foi um combatente infatigavel.

Que esperança podia ter esse soldado do ensino, si a sua antiguidade e o seu merito não fossem premiados?

Prestigiando sempre os mestres, o exmo. sr. dr. Cardoso de Almeida nomeou-o directôr do Gymnasio de Campinas, onde hoje moureja o seu talento, a sua illustração, a sua fecunda orientação literaria — que se pódem descobrir de sob as dobras do seu manto de modestia.

Campinas creou-o e fel-o artista: deu-lhe azas. Arnaldo Barreto partiu e voltou digno do nome da sua terra.

A *Revista de Ensino*, festejando o seu anniversario natalicio, presta uma justa homenagem ao seu ex-redactôr-secretario. E que muitos annos lhe augmentem ainda o seu viver honesto e laborioso!

QUESTÕES GERAES

A revolução franceza

(*Consequencias educativas*)

Uma illusão deploravel, que para alguns é uma exploração reprehensivel, a muitos vae embalando e faz suppôr que certos laços religiosos ainda existem no mundo occidental.

A linguagem opulenta—affectuosa, esthetica, racional — que nos serve e guia na communhão social, mantém a illusão em todos: a todos ella reveste dos religiosos matizes de que suas fórmulas estão radicalmente impregnadas. Muitos parecem razoaveis, parecem estheticos ou affectivos, porque se ataviam e se irizam com as côres variegadas de uma linguagem secularmente trabalhada pelas religiões varias, que presidiram á sua evolução.

Vivemos assim de tradições religiosas e de crenças, de enthusiasmos palavrosos, de *doutrinas verbaes*. Dahi o fatal descuido que nos impede assentarmos os principios de uma educação nova, de um moderno regimen, proprios aos tempos modernos.

Até á Revolução Franceza, podiam esse descuido e essa illusão estear-se na apparencia de organisação catholico-feudal, que ainda se mantinha no povo occiden-

tal mais civilizado—o que centralmente concatenava a corrente latina da evolução humana.

Até então, um instavel equilibrio, de ordem theocratico-militar, ainda mantinha reductos inexpugnados pela torrente destruidôra da revolução occidental

Os espiritos constructôres ainda esperavam poder injectar forças novas no organismo decrepito, ou substituir pacificamente uma ordem nova á ordem antiga.

Mas a impossibilidade insana-vel de tal operação já se revelára em nosso proprio meio luso-brasileiro. Todos conhecem os herculeos e baldados esforços dos jesuitas, que tentaram superar no Brasil as cobiças destruidôras ou anti-religiosas, anti-christãs dos colonos portuguezes. Vieira, em seu famoso sermão da *Epiphania* (1662), pinta-nos a *egreja sem obediencia, as censuras sem temôr, o sacerdocio sem respeito, e as pessoas e lugares sem immunnidade*. E aos auctôres, aos executôres destes sacrilegios, *lá lhes ficam papas que os absolvam!*...

Assim, o movimento destruidôr superou finalmente as forças constructivas. O resultado foi o im-

menso abalo que toda convulsão deu a generosa nação, que concentrara em seu vibratil, poderoso organismo, as aspirações viris da Humanidade.

Foram cegos e impotentes os representantes da ordem antiga. Descuidada, remissa, frustraneamente bondadosa, a realza central, a 14 de julho de 1789, se deixou surprehender pela acachoada torrente revolucionaria...

E o 14 de julho foi apenas o revolucionario inicio de uma época de reconstrução, que ainda estava inconsistente. Reteve a commemoração do movimento inteiro, mas em si era sómente a terrível advertencia dos tempos trabalhados por forças varias de uma evolução *revolucionada*. Não é com derrocar uma fortaleza odiosa que se inaugura um regimen novo.

Foi o 10 de agosto de 1892, foi o anno de 1793 que decisivamente abriu a era nova da reconstrução necessaria. A realza incapaz de manter a defeza do solio patric, renegou seu destino preponderante e foi apeada em proveito de forças novas, que surgiam para governar o mundo.

Infelizmente foi o *Contracto Social* de Rousseau que então inspirou mais confiança e veneração do que jámais obtiveram a *Biblia* e o *Corão*.

A doutrina revolucionaria, a que intenta substituir uma intolerancia leiga á intolerancia clerical, que pensa abolir conventos antigos em proveito de conventos leigos ou *espartanos*—desacreditou-se logo e despertou a desconfiança dos espiritos ponderados.

As forças retrogradadas reergueram-se malferidas e recobriram animo com as fraquezas dos adversarios. Concertaram-se com os iludidos das panacéas constitucionaes e lesgislatorias. E o caminho para a usurpação napoleonica estava aberto inteiramente.

*
**

Em verdade nenhum governo se manterá sem uma doutrina geral que o dirija no implemento de seus deveres, ainda os da pratica mais commum. Essa doutrina deveria ser a tradicional, a conservadôra, cujas falhas já conhecidas podiam ser evitadas e cujas tendencias ordeiras já se tinham desenvolvido utilmente numa experiencia, num dominio secular. A ordem material poder-se-ia manter e secundar assim a ordem moral, a ordem intellectual, que viria servir de assento ao novo regimen.

O fatal engano foi suppôr-se que a doutrina retrograda não estava inteiramente decahida em sua feição catholico-feudal. Não se viu o deperecimento de uma doutrina que deixára consumir-se a total destruição da ordem antiga e collaborára ou fôra assistente na tentativa revolucionaria para reconstruir uma ordem nova. Nessa tentativa erguera o collo novel e inhabil a individual **RAZÃO**, como centro impossivel de um culto collectivo.

Solapavam e repelliam as bases positivas das crenças sobrenaturaes, mas sustentavam o restabelecimento de muitas em nome das necessidades sociaes. Dahi resulta que a sociedade está ne-

cessitando a instituição urgente de um regimen educativo, moral e religioso, que em seus destinos a dirija melhor que as doutrinas perecidas, ou impotentes, para defender a ordem que estabeleceram.

Não basta sentir bem para fazer o bem. Não basta sentir a necessidade social de uma crença qualquer, para que esta possa logo produzir os bens que a situação demanda. E' preciso que sérias, consistentes, duradouras convicções incutam e fortaleçam a fé no bem que se está sentindo, que se projecta ou que se vae realizar.

Não se deve, a exemplo de Kant, alimentar no espirito *razões puras* e querer sustentar o caracter com sentimentos sociaes mal amparados em *razões impuras*, em principios decahidos, rejeitados em outros dominios menos sentimentaes.

Dahi, a deploravel illusão, o fatal descuido ou a mesquinha indifferença exploradôra que domina em nosso meio e gera as perniciosas consequencias educativas, que vamos recensear ligeiramente.

*
**

O tempo da Revolução Franceza assignala na educação universal e civica uma transformação que é mister apontar antes que tudo. O militarismo até então se valia de razões civicas e de conquistas territoriaes para exaltar nos homens os instinctos bellicosos. A lucta memoravel que deu a India á Inglaterra, e que lhe

permittiu dominar na Africa, apresentou então os exercitos como forças destinadas a cooperar nas empresas commerciaes. A França deu o exemplo nobre de abandonar á sua rival uma conquistista interesseira, para ir cuidar na elaboração de mais altos destinos humanos. O militarismo revelou assim uma completa decadencia e a paz industrial preunciou a preponderancia final que forçosamente lhe cabe. Eis porque, na educação moderna, os instinctos militares devem ser normalmente subordinados ás pacificas necessidades do progresso industrial.

Infelizmente o infausto napoleonismo veiu acirrar nos animos novos uma tendencia bellicosa que ainda hoje explode em nefarias manifestações. Junto ao individualismo indisciplinado de uma razão que tudo prejulga ou aprecia com um criterio pessoal, deunos o pendôr revolucionario uma falsa admiração por actos de pretendida energia ou coragem civica.

Dahi a funesta admiração pelo assassino que se deixou arrastar pelo declive da paixão destruidôra, em vez de subir a alteza de uma heroica resistencia a energicos instinctos inferiôres.

Até os espoliadores, os bandidos vulgares, os aggressores bestiaes, não encontram no amoralismo de uma geração descrente a repulsa dos sensiveis corações honestos. A rebeldia destruidôra é que a exalta em passagens enthusiasmos. O sentimento da honra já não lhe parece

um sacro patrimonio que nosso merito accresce, mantêm e até refaz. E' ás vezes uma terrivel macula de sangue incriminada pelos codigos menos severos, menos delicados das nações civis. E' muitas vezes uma vaga imagem methaphysica, sujeita ás alterações da maledicencia alheia ou ás acções em que o supposto deshonrado não consentiu, não cooperou e que repulsa. Para detergir-se da suppositicia macula, precisa tingil-a de rubro e fazer-se um assassino, sobre deshonrado...

*
* *

Estamos, pois, em plena época de revolução e de instabilidade social. Cento e dezenove annos após a primeira deflagração, que mostrou a necessidade do restabelecimento de uma ordem nova, estamos ainda assistindo ás explosões dos mais infinos pendôres revolucionarios.

Nas relações geraes, nas relações domesticas, civicas ou pessoais domina um vacuo educativo, em que poucos sabem qual a directriz da vida. A opinião é abafada; e no mundo juridico reina a mesma illusão que em 1791 obliterou a razão dos constitucionalistas, que pensavam reformar costumes ou entrar a revolução com permistões legislatorias. Desconhecem as leis naturaes que regem o mundo, que regem a sociedade, que regem a natureza humana. Pensam conter os assassinatos, abolindo no codigo a pena de morte, para que esta desde logo fique o privilegio dos honrados assassinos. Rejeitam ar-

gumentos moraes, ponderações theoreticas, suppondo que o mundo só é dirijido por um opportunismo pratico sem regras e sem carril tradicional, ordeiro.

Por seu lado as confissões religiosas, os doutrinarios quaesquer, abrem luctas ferinas ou pueris, sem demonstrar, sem conhecer que o essencial é instituir pacificamente, fraternalmente uma direcção para a vida, uma educação prestadia.

Entretanto não póde haver na Terra dois systemas praticos essencialmente diversos, para ahi vivermos como terricolos. Antes de tudo o homem *aspira* por todos os modos. *Aspira* para *ser* (conforme a raiz samscritica do vocabulo *as-mi*), *aspira* para *viver* e *aspira* subir na escala social. Só no *aspirar* a um ceo qualquer pódem differir os homens. Mas todos para ganhá-lo hão de *viver* na terra com as *aspirações* dos mortaes communs.

Hão de viver ahi como filho, irmão, esposo, pae, amigo, cidadão, philosopho; hão de viver como homens terrenos da mesma especie humana: só destôam na diversa aspiração do ceo.

Ora, esta não influe *actualmente* na directriz vital. Ora, a Revolução Franceza demonstrou que o homem deve e póde viver antes de tudo como cidadão activo...

Porque não havemos de reunir em torno do civismo real, iniludível e varonil todos os preceitos moraes de que o homem precisa nas diferentes relações de seu viver?

Essa é a moral que já em gran-

de parte nos legou o civismo romano em seu — HONESTE VIVERE..., junto aos preceitos concomitantes de sua legislação mui sabia.

Assim poderemos viver ao menos como *gente* e não como *lobos* ferozes que se querem devorar, ou como perigosos explosivos que reciprocamente se combatem ou se evitam.

Nestes claros dias de um julho

nefasto—que estas considerações, a me escapar celeres da penna corredia, vão amortecer um pouco os apparatus deflagrantes que têm infestado nossas ruas *civilizadas*.

Não é possivel que tal effervescencia continúe. A razão da vida não deve eliminar a vida.

José Feliciano



EDUCAÇÃO PHYSICA

Parque escolar de exercicios physicos

A cultura physica e a oxygenação da mocidade devem ser a preocupação dos governos, dos homens de Estado e, sobretudo, a dos superintendentes do ensino publico.

Preoccupar não é preterir tudo pela educação physica das creanças e dos jovens; não é, como se poderá suppôr, dedicar todas as horas lectivas da semana ás seducções dos jogos e dos exercicios gymnasticos; empregamolo no sentido exacto de *occupar a attenção de, dar cuidado a*.

Si é condemnavel a absorpção do tempo, nas escolas, pelos jogos de força e de dextreza — não merece igualmente louvôr o menospreço, a negligencia da cultura physica do educando.

Não ha em S. Paulo, não existe no Brazil, um estabelecimento de ensino, dirigido por nacionaes ou por estrangeiros, que se lembre de oxygenar as creanças em pleno ar livre dos campos, avigorando-as para as luctas mentaes e moraes, que agitam a humanidade.

Vastos programmas didacticos, que attraem aos incredulos como annuncios apparatusos, com a pretensão de ensinar todas as coisas; corpo docente de muita capacidade e nada mais: nem um minuto, nem um dia consagrado aos exercicios corporaes, segundo os preceitos dos modernos processos do ensino.

Os mais assignalados physiologistas, desde os tempos luminosos da Renas-

cença, têm apontado a influencia perniciososa do *surmenage* intellectual escolar sobre o desenvolvimento da raça.

Os educadôres dos moços sempre pregarão a necessidade de contrabalançar essa influencia por um regimen qualquer de exercicios physicos. (1)

Quem é que não conhece as tendencias da natureza humana para a degenerescencia?

Já os gregos se entregavam a exercicios, prevendo essa lei fatal, para conservar a robustez e a saúde e manter as bellas qualidades da alma.

A' perfeição na plastica respondia a perfeição espiritual. (2)

A necessidade de obter o vigor physico e a saúde provoca o dever de manter a subordinação do corpo e de suas exigencias ás exigencias do espirito.

Si quizerdes cultivar a vossa intelligencia — escrevia J. J. Rousseau — cultivae as forças que ella deve governar; exercitae continuamente vosso corpo; torna-o robusto e são, para o terdes sabio e racional; correi, agi e gritae; que elle esteja sempre em movimento; que elle seja homem pelo vigor, para o ser logo pela razão.

A educação physica deve ser considerada como a base da regeneração e, mórmente, do melhoramento da raça humana. Consiste na educação das funções da vida; é a arte de conservar a integridade das funções, me-

lhorando-as sempre afim de contribuir para a harmonia do organismo, em favôr do individuo e da especie, para o bem da patria e da humanidade. (1)

Equilibrando as fôrmas e as forças do corpo, tem ella uma feliz reacção sobre as faculdades intellectivas e moraes; tempera o caracter, creando simultaneamente o musculo. (2)

Não ha povos são, e, principalmente povos fortes, sem uma boa educação physica.

Temos um meio unico de conservar a saúde — escrevia Platão. Não exercitemos a alma sem o corpo, nem o corpo sem a alma: imitaremos assim a harmonia do universo.

A inactividade physica provoca consequencias mui dolorosas. E' uma das causas da obesidade, como a ociosidade é a fonte de muitos males.

A inação do corpo gera o atrophamento dos musculos e a paralyisia das funções, desequilibrando os trabalhos do organismo: o exercicio é uma fonte de energia physica e psychica.

O exercicio soccorre aos fracos e aos valetudinarios; satisfaz aos fortes, despertando nuns e noutros todas as energias.

Em educação physica, o exercicio é, como não poderia deixar de ser, um simples meio e não um fim.

Como observa justamente F. La-grange, si fazemos, por exemplo, a creança correr, saltar, andar — não é porque queremos ensinal-a a correr, a saltar e a andar.

Procuramos, por esse alvitre hygienico, dar-lhe uma qualidade, que é a base de todas as qualidades physicas: a saúde. (3)

A saúde consiste no perfeito equilibrio das grandes funções vitaes e o fim hygienico do exercicio é manter o equilibrio nessas grandes funções, porque ellas se perturbam, desde que o exercicio falte.

Houve um tempo em que — e que saudoso tempo! — nos grupos escolares, mórmente na Escola Normal e estabelecimentos annexos, que é o pa-

drão da nossa organização pedagogica, grande interesse excitava a hygiene activa da juventude.

Os torneios gymnasticos organizados pelo espirito engenhoso do professor Gabriel Prestes — cujo nome a ingratidão parece ter riscado na memoria dos coevos — assignalaram, sob a direcção prudente de um habil profissional, muitas paginas da administração edificadôra e patriotica do dr. Bernardino de Campos, esse labaro de civismo e tradição veneranda do legitimo partido republicano de nossa terra.

Eram festas cheias de pompas, porém modestas de recursos, sem as thermas espaçosas da antiguidade classica: mesmo no estrangeiro seriam dignas das palmas dos technicos e dos applausos das familias Risos por toda a parte e não se percebia semblante em que se esboçasse a minima contrariedade ou injustiça.

Educadôr de eleição, não cogitava o directôr da Escola Normal de embrutecer a creança pelo exaggero dos programmas e pelos reabusos dos aparelhos.

Foi dessas escolas e do Gymnasio do Estado que sahiu essa juventude, expansiva e robusta, bella de vitalidade e de iniciativa, que é ainda hoje a alma das aggremações esportivas de S. Paulo.

Notava-se nas escolas uma orientação segura; havia no magisterio uma vontade que sempre era força; unia-o muita confiança, uma completa harmonia de vistas. E, esmerando os mestres na hygiene dos musculos e de todo o organismo, jamais foram postergados os preceitos de Stein, isto é, a educação continuava a ter por fim o desenvolvimento harmonico de todas as faculdades humanas.

Notava-se mesmo, nas escolas, mais vivacidade e mais emulações pela esperança de um dia suspirado, festivo e feliz: dias venturosos e de festas são dias das creanças, que têm tanta necessidade de prazer como a planta de luz.

Hoje se percebe, no magisterio pau-

(1) V. LEGROS — *L'éducation physique de la jeunesse.*

(2) GENERAL LEWAL — *L'agonistique.*

(1) G. DEMENY — *Les bases scientifiques de l'éducation physique.*

(2) E. LAURENT — *L'éducation physique.*

(3) *L'hygiène de l'exercice.*

lista, de um lado uma censuravel indifferença, uma *nonchalance* pela cultura physica; de outro, uma accentuada tendencia, embora fraquissima, para os jogos gymnasticos.

Esta ultima resume as aspirações da physiologia, no tocante á educação physica, e está de acôrdo com os methodos modernos preconizados pela sciencia dos educadôres da infancia.

Tal é, nessa ultima hypothese, a orientação da actual directoria da Escola Normal, que deve acompanhar a evolução do ensino universal, o que quer dizer que tal poderá ser a predilecção geral dos mestres do porvir, que chegarem a receber as novas theorias do estabelecimento profissional.

Tivemos occasião de dirigir um torneio esportivo intimo, a convite do *Gremio Normalista Dois de Agosto*, em que tomaram parte, revelando capricho, gosto e aptidão, os alumnos de um e de outro sexo da escola: foi um verdadeiro ensaio, a pretexto de uma commemoração, com o character de festa.

Não sendo avessos a essas tentativas de reforma nos costumes do povo, que têm como apanagio o consenso unanime dos physiologistas—lastimamos, apenas, que persistam num terreno puramente theorico.

E porque assim é? E porque assim continuará a ser?

Porque a Escola Normal não é uma universidade de Cambridge ou de Oxford, que dispõem de uma grande pista ou área de terreno, em que todos possam exercitar-se, á larga, na *corrida*, no *salto*, no *foot-ball*, no *cricket*, no *base-ball*, no *lawn-tennis*, no *basket-ball*, e em outros jogos athleticos.

Onde poderão os rapazes desenvolver as forças do organismo no poderoso exercicio de *canoagem*, que tem sido, nestes ultimos tempos, a *great-attraction* dos torneios das duas conhecidas universidades?

Inda que seja grande o entusiasmo pelos exercicios, o alumno normalista — o futuro pária para todos os supplicios, o futuro educadôr dos pequenos brasileiros, em cujos hombros

o Estado colloca o nobre compromisso de fórmara uma nova patria, uma nova geração sadia e forte — não terá occasião de se sujeitar, regularmente, a exercicios physicos; e, si nunca foi instruido na proveitosa arena da pratica, irá mais tarde, quando muito, na sua modesta escola, nesse ninho humilde que absorve toda a sua dedicação e caricias, augmentar o já extenso catalogo dos indifferentes e dos contemplativos.

Na Escola Normal, pelos recursos de que actualmente dispõe, não será possivel ministrar a educação physica moderna.

Comporta, sómente, a gymnastica moderada, pelo regimen sueco, e não a que assegura na juventude o equilibrio do desenvolvimento dos musculos e a harmonia de todas as funcções do organismo. Demais, um terreno apedregulhado, com enormes seixos de silex ou de quartzo, sobre ser perigoso, é reproavado improprio, não só para recreio, como para exercicios physicos.

Não nos cabe a pretensão de resolver esse magno problema educativo: destacamol-o, arrancamol-o dentre os muitos que pedem solução urgente, em proveito e para gaudio do ensino official.

Não podemos debater qualquer thema pedagogico que não chamemos logo á baila o nosso capital instituto tecnico; não podemos discorrer sobre educação, sem que nos surja logo á mente o nome da Escola Normal.

Fazemos taes commentarios por um direito de critica e porque o ponto de vista, em que nos collocámos, assim os exigiu; e, forçosamente, porque é na Escola Normal que se aninham as esperanças do Estado, pois é dahi que partem os missionarios para a catechese dos espiritos e do coração, no immenso territorio da patria; é dahi que deve radiar o movimento de reforma da educação popular.

Mal orientados, mal instruidos—serão elles o espelho em que transparecem o nossa desidia, o nosso atrazo, o nosso estacionamento e a ignorancia vergonhosa dos pilotos da nau do ensino e dos mestres.

Já no despontar do seculo passado

existiam dois systemas de gymnastica — o *sueco* e o *allemao*.

A característica da gymnastica sueca apresenta um duplo aspecto — a simplicidade e a naturalidade dos exercicios.

Vem depois a sua tendencia physiologica e hygienica.

A gymnastica allema procura localizar a fadiga em alguns musculos, o que é um grave defeito, tornando-a condemnavel.

A fadiga geral, como a que se obtém nos jogos livres, nas marchas, na canoagem, na lucta e na natação, é certamente mais util ao organismo e é physiologicamente a verdadeira fadiga, á qual nos devemos acostumar para nos tornarmos robustos. (1)

A palavra gymnastica, segundo a moderna concepção, não desperta mais as ideias de acrobatismo.

Como meio de cultura physica, não deve procurar o desenvolvimento exclusivo dos musculos; ella prepara a resistencia de todos os orgams e a energia de todas as funcções vitales, que garantem no individuo a victoria contra as influencias morbidas.

Tal urge que seja o criterio capital que deve presidir ao emprego do exercicio na educação physica.

Considerada sob o ponto de vista o mais elevado, a cultura physica comprehende tudo o que pôde engrandecer essa força interna que nos faz reagir contra o mundo exterior, em vez de soffrermos, resignadamente, as suas impressões; tudo o que entretém em nós essa energia intima, que produz a actividade physica, sem a qual a actividade moral, a vontade e o character deixarão de existir. (2)

Assim — diz o dr. E. Laurent — a gymnastica bem entendida tem por objecto fórmara o homem de acção e o homem de acção deve achar-se, em certo grau, em cada homem, para que este possua todo o seu valôr moral.

Sem esta capacidade de agir, si assim podemos dizer, a propria vida intellectual corre o risco de perecer na preguiça e na passividade.

O exercicio — prosegue o dr. E. Laurent — torna o individuo mais apto á lucta, que lhe dá coragem, ou essa faculdade de desprezar as impressões desagradaveis e dolorosas.

O exercicio se torna assim uma educação da vontade. Ora, é na vontade que reside muitas vezes o valôr moral do individuo.

Não é sómente para a creança que ha os preceitos da hygiene physica do organismo.

Si o exercicio, o movimento é uma fonte de energia e de vitalidade, tanto o necessitam os velhos como os moços.

Os homens de estudo têm no exercicio um recurso hygienico de repouso o cerebro sempre em trabalho atuado e meditado, ou em continuas luctações: variar de trabalho é descansar.

O exercicio lhes é um meio de contrabalançar os effeitos da fadiga nervosa ou do estado sedentario.

E' preciso, porém, que se não esqueçam as palavras de Platão: — Nunca exerciteis a alma sem o corpo, nem o corpo sem a alma; imitareis assim a harmonia do universo.

E' um axioma de uma verdade eterna.

A educação physica das creanças não deve ficar a cargo exclusivo da familia: incumbe á escola a sua maxima collaboração.

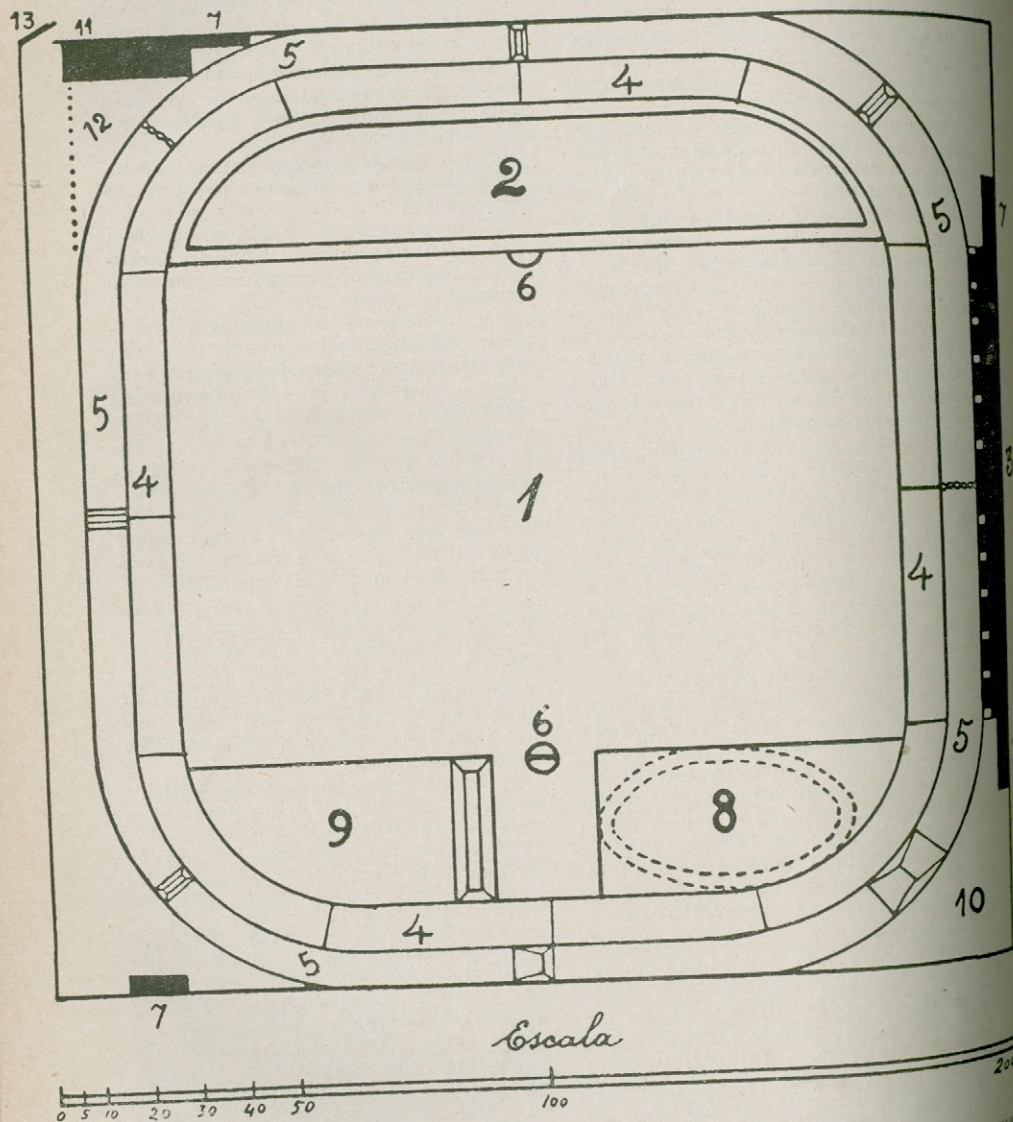
Os modernos processos da cultura do corpo são methodos naturaes, que levam vantagens sobre os methodos artificiaes, inconvenientes á educação physica do individuo, porque são athleticos e não methodos hygienicos.

Os jogos — diz F. Lagrange — constituem, realmente, o methodo de exercicio mais apropriado á hygiene da primeira idade; são essencialmente recreativos e não merecem as censuras da gymnastica forçada em apparelhos, que aproveitam aos fortes, fazendo-os athletas, desprezando os mais fracos, isto é, a grande maioria, e deixando-os entregues a todas as miserias physicas e moraes,

(1) MOSSO—*L'éducation physique de la jeunesse.*
(2) E. LAURENT—*E'ducation physique.*

Parque escolar de exercicios physicos

(Segundo o plano do general LEWAL)



1, gramado para jogos; — 2, área para tennis; — 3, alpendre ou abrigo contra o mau tempo; — 4, pista plana para corrida; — 5, pista, com obstaculos, para corrida; — 6, fontes; — 7, chalés; — 8, tanque para natação; — 9, tiro ao alvo; — 10, gymnasio descoberto; — 11, deposito do material de jogos; — 12, esgrima; — 13, entrada.

que derivam da ausencia do exercicio. (1)

Os jogos devem ser pois admittidos e propagados na familia e na escola. (2)

Banindo a gymnastica, que é um meio imaginoso de cultura physica, segundo as affirmações geraes da physiologia — devem as escolas do Estado inaugurar o regimen dos jogos physicos, provocando assim o avimento de uma nova epoca; mas, dos jogos bons, submittidos a certas regras de hygiene e de prudência e não jogos brutaes e perigosos, que nada têm de educativos ou de uteis á perfeição physica individual.

São esses methodos regressivos e apropriados mais á cultura de brutos e não para o aperfeioamento da natureza humana, favorecendo a expansão de todos os instinctos maus de violencia e de animalidade. (3)

E' preciso que os jogos infantis e a gymnastica tenham, na educação da escola, um character menos muscular, menos vegetativo. E' preciso não atrophiar as faculdades mais nobres com um brutal desenvolvimento do systema osseo e muscular. Não é para Hercules primevos nem para Centauros que nos educamos. A vida moderna exige, sobretudo, um equilibrado desenvolvimento do apparelho nervoso. Não curemos especialmente de fazer gente super-robusta, exemplares de raça musculosa e de nervosidade grosseira. (4)

Assim se exprime a maioria dos educadores e tal é hoje a moderna concepção da educação physica, pelo processo dos jogos gymnasticos.

Em alguns paizes, na Inglaterra, por exemplo, nos dias consagrados á paz commercial e ao descanso geral, uma multidão enorme foge da insipidez das cidades, em busca de um pouco de ar e para pôr em acção os musculos entorpecidos pela vida sedentaria da semana.

São os jogos gymnasticos, são as delicias dos esportes e dos exercicios corporaes em pleno ar livre, que movem as populações.

Por toda a parte se joga o *foot-ball*, que é escolhido como um dos meios de cultura physica.

A lucta, numa partida ou num *match* de *foot-ball*, é, como sabemos, um dos exercicios musculares mais violentos.

E' um jogo muito mais material que o *base-ball* dos americanos do Norte e foi introduzido nos gymnasios allemaes, em 1874.

O mais ardente promotôr desse exercicio foi o dr. Koch, que conquistou grande renome pelas suas obras relativas á educação physica.

O esporte, porém, de grande paixão dos inglezes é o « *lawn-tennis* », que tende a tornar-se cada vez mais internacional.

Já se joga o *tennis* em muitos outros paizes, em que é apreciado pelo prazer maravilhoso que proporciona aos espectadores e aos jogadores.

Não pára ahi a serie dos jogos de bola: o *cricket* é egualmente um jogo de bola.

E' um dos jogos mais fatigantes e que são mais proprios para as expansões da mocidade.

Muitos são os desafios de *cricket* entre cidades da Inglaterra e os fazem com excepcional solemnidade.

«Achando-me em Londres — escreve o dr. Mosso — (5) tive o ensejo de ver o campo de Canterbury, o mais celebre dos desafios de «*cricket*», o mais famoso *playing-ground*, onde se encontram muitas vezes os jogadores da America e da Australia. Os jornaes annunciavam illuminações, banquetes, bailes, representações e numerosos divertimentos diversos e a cidade se revestia de pomposas ornamentações e de fulgôres.

Por toda a parte, festões, bandeiras

(1) *Memoires et documents scolaires*, Fasc. 77, pag. 136.
 (2) F. LAGRANGE — *Hygiène de l'exercice*.
 (3) E. LAURENT — *E'ducation physique*.
 (4) JOSE' FELICIANO — *A educação physica e a esthetica*. «*Revista de Ensino*», n. 4, anno VI.
 (5) *L'éducation physique*.

de todas as côres e inscrições em caracteres gigantescos: — *Long may cricket flourish!* Tudo me era inteiramente novo; era um acontecimento notavel: festejava-se o jubileu do *cricket*.

Que povo alegre e que bella apothese merece a cultura do corpo!

E, no entanto, essa educação physica moderna, que se pratica nos collegios e nas universidades inglezas, e que se espalhou pelo povo, é oriunda da Italia, paiz essencialmente latino e terra classicas do jogo de bola.

Em S. Paulo — o pharol que tem illuminado a Patria, engrandecendo-a sempre pela força da vontade e pelas obras dos seus industriaes e estadistas — os jogos physicos se devem, exclusivamente, á iniciativa de sociedades particulares.

Em um Estado, que adquiriu reputação pela organização material dos grupos escolares, é preciso que haja tambem celebridade pela orientação pedagogica de seus mestres, pela feição moderna do ensino, na sciencia, nas letras e nas artes.

E' forçoso que, nos institutos de ensino, alguma coisa se faça pela educação physica das creanças.

A acção da escola paulista, em prol da hygiene muscular, é inteiramente nulla.

Urge que a Inspectoria Geral do Ensino promova uma propaganda constante dos mais modernos preceitos da cultura physica, preconizados pela physiologia contemporanea.

E' preciso despertar, nas escolas, como se propunha o *Instituto Paulista de Jogos Escolares*, o gosto pelos exercicios gymnasticos.

A' primeira vista, parece que os jogos infantis viriam anarchisar o ensino e empecer a marcha dos trabalhos escolares. Parece; mas isso se não daria, pois, os exercicios physicos seriam realizados somente nos dias de tolga, e até os professôres lucrariam, sob o ponto de vista hygienico, associando-se ás actividades juvenis.

Mas porque não se cuida de provocar o habito dos jogos e exercicios gymnasticos?

E' que se dá connosco o que é de feito de muitos povos: ha muitos detalhes e *coisinhas*, que nos absorvem.

O que caracteriza a educação dos inglezes é que elles dão importancia a muitas coisas que nós suppomos superfluas e lançam á margem tantas outras por nós consideradas como primordiales na educação.

Assim disse o dr. Mosso e assim repetimos nós.

Si sabemos o que é o *foot-ball*, devemol-o aos exemplos de um club athletico de inglezes, em que quasi nunca surgem discordias, que dissolvem.

Si sabemos o que é o *cricket*, devemol-o ainda aos impulsos da mesma sociedade anglo-paulistana, que cultiva tambem o cavalheirismo.

Si sabemos o que é o *tennis* devemol-o á pertinacia da propaganda da mesma sociedade.

Eis porque a Inglaterra tem um povo forte: nas horas de lazer e nas suas instituições de ensino, se lembram elles de fazer alguma coisa pela fortaleza do corpo e pelo avigoramento da raça.

No nosso Estado de S. Paulo, ha numerosos internatos e seminarios, laicaes e congreganistas, em que se faz a propaganda de tudo menos dos jogos physicos.

O thesouro dessas instituições está preparado para vomitar o ouro pela salvação dos principios que as sustentam.

Abriga-se a orphanada da enxerga da miseria; acolhe-se a pobreza apontando-lhe o caminho do ceo.

Sujeitam-se as creanças, nos collegios officiaes e particulares, a uma tensão intellectual consideravel.

Muitas têm as faces pallidas, os olhos cavos, o corpo delgado, molle, apathico, retractando ethereas sylphides, com symptomas de uma anemia profunda.

A medicina cai-lhes em cima com uma lista interminavel de reconstituintes: ferro, quinquina, carne crua, gemmadas, etc.

Esqueceu-se de que o cansaço cerebral conduz o individuo á miseria

physiologica e, por effeito reflexo, á miseria intellectual (1).

Esqueceu-se de que a educação physica, que é remedio contra o esalfamento e as demasias do espirito, que prepara o homem para os embates tormentosos da vida moral, que é a fonte de toda a iniciativa do individuo — é completamente riscada dos programmas pela desvalia das suas doutrinas, por um criminoso esquecimento.

São os inglezes os unicos que têm conservado as tradições dos antigos romanos e se atiram á lucta, aos jogos, aos exercicios. E' ainda hoje, na Europa, o unico povo que revela o maior pendôr pelos exercicios athleticos.

E' que elles sabem que a educação do corpo contribue tambem para o melhoramento moral da mocidade, si esta se habitua a empregar a sua força, o seu vigôr muscular, no serviço do direito e da razão; e essa influencia tão importante não deve ser negligenciada por aquelles que têm o encargo do futuro e da sanidade organizada das futuras gerações. (2).

A pratica habitual dos exercicios physicos não mantém somente a saúde da intelligencia, mas fortalece mais ainda a energia da vontade, cultivando desse modo, e desenvolvendo, a iniciativa, que é a acção do espirito.

A acção é tudo — repete Lewal; (3) é a fonte de todo o valôr physico e moral; dá, ao mesmo tempo, força e coragem; produz bons soldados e laboriosos cidadãos. E' pelos jogos physicos que se combate no individuo a passividade, a inercia physica, com o mesmo ardôr, com a mesma insistencia com que se accommette a preguiça mental.

« Les enfants: — c'est l'avenir! » — exclamava elle. Contribuir para o seu desenvolvimento physico e moral, é trabalhar sobretudo para a grandeza futura da Patria.

Nada se tem feito no Brazil pela

fortaleza do corpo da creança, que é um homem em embrião.

Si hoje a nação inteira, no momento de perigo, deve acudir ao apello patriotico do presidente da Republica para a defeza da soberania do paiz no continente americano; si hoje é o povo que deve correr sadio, forte e confiante, aos postos de maxima responsabilidade para se congregarem em guarda ao *lindo pendão da esperança* — claro está que o joven de agora poderá ser o combatente de amanhã e tudo que se fizer em proveito da fortaleza material de um reverterá em beneficio da grandeza physica de outro.

A educação physica da mocidade se apresenta logicamente com os caracteres de uma introdução á vida physica da soldado; é como o prefacio, o preambulo, como o primeiro capitulo de uma *Physiologia do soldado*. Cuidando-se do vigôr physico da juventude, trabalhamos forçosamente em prol da cultura organica do soldado e do aperfeiçoamento das suas faculdades naturaes. Entre os preceitos da educação physica dos jovens e as exigencias do viver physico do soldado, ha uma conexão tão intima, tanto para o homem de Estado, como para o homem de sciencia, que, tratando-se da educação physica da mocidade, é quasi o typo de soldado que se tem deante dos olhos (4).

Cada brasileiro é um defensor da Patria e da Republica.

De nada valerá cumular os arsenaes dos poderosos engenhos de destruição e de combate. De nada valerão o poder dos canhões e o alcance dos fuzis.

Si, no meio da lucta ou no campo de batalha, surgir do imprevisto um desconhecido elemento que poderá arrasar, num relance, as linhas extensas e cercadas — nenhum, entretanto, terá a força invencivel e esmagadora que o homem.

Nem a excederão os poderosos engenhos de destruição e de combate; nem a excederão o poder dos canhões

(1) GENERAL LEWAL — *L'agonistique*.

(2) G. DEMENY — *Les bases scientifiques de l'éducation physique*.

(3) LEWAL — *L'agonistique*.

(4) COMMANDANTE LEGROS — *E'ducation physique*.

e o alcance dos fuzis; nem a excederão os imprevisos elementos.

O homem é a materia prima essencial da constituição dos exercitos.

Cabe, portanto, aos poderes publicos e aos superintendentes do ensino popular a maxima responsabilidade no encargo patriótico de preparar as gerações do porvir.

E' preciso que se não descure, nas escolas do Estado, da cultura physica da creança. E' necessario que se cumpra o axioma de Platão, isto é, que não se exercite a alma sem o corpo, nem o corpo sem a alma, para se imitar assim a harmonia do universo.

Não existe um terreno apropriado, com os requisitos reclamados, em que se faça a oxygenação e o avigoramento da mocidade, por meio dos jogos physicos, em pleno ar livre, proprios do nosso clima e a todas as edades.

A modestia dos nossos apoucados recursos não comporta os apparatus e a reprodução das thermas colossaes de Diocleciano.

Basta-nos uma longinqua imitação, ou um pequeno parque escolar, em cujo centro houvesse um extenso gramado, tanque para a natação, pista para corrida com ou sem obstaculos, sendo arborizado nas quatro faces.

As oppugnações que nos fizerem e aos obices que se nos depararem, perguntaremos:

— De que nos serve a vasta e abandonada planicie da varzea do Carmo?

A Inspectoria Geral do Ensino poderá patrocinar, perante a patriótica e benemerita prefeitura municipal, a cessão de uma area de 40000 m², tendo 200 m. de lado: ahi será construido

um verdadeiro *playing-ground* para uso das meninas e dos meninos, das escolas publicas da capital.

As proprias creanças plantarão as arvores do *Parque*, sob a direcção technica do sr. Antonio Etzel, preclaro directôr dos jardins municipaes, que o será tambem dessa *feira das arvores*.

Ficará, então, iniciado o nosso *arbor-day*.

A festa das arvores é uma festa symbolica e positiva, que encerra em si um triplice conceito de educação moral, de educação positiva e de educação pratica.

Fazer propaganda para a plantação de arvores é fazer uma obra patriótica.

A festa das arvores deve ser considerada como uma das que mais interessam á sociedade, porque nada ha contribuido mais para o seu desenvolvimento que a arvore.

Assim teremos um *Parque Escolar de exercicios physicos*, que será mais um attestado do valôr da nossa iniciativa.

Crearemos o *arbor-day*, que será mais uma confirmação do nosso estado de civilização.

A educação physica nas escolas será uma realidade e traçada por outros processos mais naturaes e hygienicos.

E' pela regeneração da propria população civil que se prepara uma nova geração militar; é pela educação physica da mocidade que se consegue essa grande refôrma social.

AUGUSTO R. DE CARVALHO.



PEDAGOGIA PRATICA

PAGINAS CIVICAS

(João Köpke — A GRANDE PATRIA)

(PARA DIALOGO NAS ESCOLAS PRIMARIAS)

III

(*Continúa*)

—Onde é que tu foste hoje de manhã, vovô?

—Porque perguntas?

—Porque eu fui te procurar no teu escriptorio e tu não estavas.

—E o que me querias?

—Que me ensinasses uma coisa.

—Tinha ido a uma missa por alma de um bom homem.

—Quem, Vovô?

—O ultimo imperadôr.

—Ah! Então tu és monarchista?!

—E só os monarchistas é que vão á missa por alma de imperadôres, Alvaro?

—Eu acho que só, Vovô.

Pois tu te enganas. Acredito mesmo que muitos dos que lá foram são dos melhores republicanos com que a patria póde contar. O sr. Pedro de Alcantara, meu Alvaro, foi imperadôr como a sua indole, a sua educação e o character de seus auxiliares o permittiram. Fez, nessa qualidade, bem, e fez mal: mas, enfim, o que está fóra de toda

e qualquer duvida, é que, como homem, era bem intencionado e amava o seu paiz e os seus compatriotas. Foi, como eu, um funcionario publico; tive occasião de tractar com elle em virtude do meu officio, e essas relações convenceram-me de que elle era digno da minha amizade, que não duvidei consagrar-lhe, e de que eu lhe acceitasse a sua, com que sempre me distinguiu. Indo á missa, pois, por alma de um amigo, a quem as ideias politicas de mim separaram, não offendi, com isso, os meus sentimentos republicanos, nem os de ninguem. O que fiz foi prestar uma homenagem, devida, pelo meu affecto, á memoria de uma pessoa cara e venerada, que exerceu o seu cargo com probidade. Honrei sua memoria, como desejo que honrem a minha os que me sobreviverem. Ahi tens o sermãozinho, a que me obrigaste, meu *jacobino*, e anda lá que bem prégado. Agora dize o que ordenas do teu Vovô.

—Querias saber quem governava o Brazil quando tu nasceste.

—Era o pai do Imperadôr.

—De que imperadôr?

—D. Pedro II.

—D. Pedro II?! Então houve d. Pedro I?

—Certamente: o antecessôr do II.

—Mas, o nome delle?

—De qual? Do I ou do II?

—Do II.

—D. Pedro de Alcantara.

—Ah! Esse eu conheço: é o que se foi embora. E o do pai?

—D. Pedro IV de Bragança. (1)

IV ou I? Donde sahiu Bragança agora?

—E' IV e I. IV de Portugal e I do Brazil. Tu não és o primeiro filho de teu pai, e meu quarto neto? De Bragança porque pertencia á dynastia de Bragança.

—IV de Portugal e I do Brazil. Não entendo, Vovô.

—Vejo que não, mas vou explicar-t'ô. O sr. d. Pedro de Alcantara, que conheces, foi d. Pedro II do Brazil, filho do sr. d. Pedro I, que foi tambem d. Pedro IV de Portugal.

—E a gente pôde ser imperadôr de dois lugares ao mesmo tempo?

—Porque não? O rei da Suecia é rei da Noruega; o imperadôr da Allemanha é rei da Prussia; a rainha da Inglaterra é imperatriz das Indias.

—Mas quem é que fez d. Pe-

dro IV de Portugal ser d. Pedro I do Brazil?

—Quem fez d. Pedro de Bragança, depois d. Pedro IV de Portugal, ser d. Pedro I do Brazil foi a *Constituição antiga*, cujo art. 4.º dizia — *A dynastia imperante é a do sr. d. Pedro I, actual Imperadôr e Defensôr Perpetuo do Brazil* — reconhecendo assim a posição, que os factos anteriôres lhe haviam dado.

—Mas uma pessoa não fica rei só quando falta o rei?

—Sim; mas eu te falei agora mesmo dos *factos anteriôres á Constituição*, que deu o governo á dynastia de d. Pedro de Bragança. Foi uma revolução que fez d. Pedro imperadôr.

—E quem é que era imperadôr, quando houve essa revolução?

—Ninguém.

—Ninguém?! E, então, quem é que nos governava?

—Portugal.

—Portugal?! Um paiz pôde governar outro?

—Como teu pai te governa. O paiz, que governa é a *metropole*, e o paiz governado, a *colonia*.

—Então, até o governo de d. Pedro I, Portugal era nossa metropole, e o Brazil uma colonia de Portugal?

—Justamente.

—E contra quem foi, então, a revolução?

—Contra Portugal, naturalmente.

—Porque?

—Porque o Brazil queria fa-

zer o que tu tambem has de querer daqui a meia duzia de annos: governar-se por si mesmo, *ser autonomo*.

—Como fizeram os Estados-Unidos, separando-se da Inglaterra.

—Bravos ao historiadôr! Tal e qual!

—E quem toi que, aqui no Brazil, fez como Jorge U... ó... chim... o que mesmo?...

—Washington. Foi d. Pedro.

—Mas elle não era portuguez e rei de Portugal?

Era portuguez, mas não era rei de Portugal.

—Vovô, tu estás muito trapalhão! Pois tu não disseste que d. Pedro I do Brazil era d. Pedro IV de Portugal?

—Disse.

—E então?

—Então?

—Como desmanchas esse embrulho?

—Desembrulhando-o, naturalmente. d. Pedro, quando foi I do Brazil, não era ainda IV de Portugal.

—E como é que, sendo I do Brazil, veiu a ser IV de Portugal?

—Porque lhe morreu o pai, e, sendo elle o herdeiro, devia succeder-lhe.

—Antes ou depois de ser I do Brazil?

—Depois, Alvaro, está claro, tanto que, não podendo exercer o governo de Portugal por ter acceitado o do Brazil e não lho permittir a Constituição dos dois paizes, passou a herança á sua filha, d. Maria, nomeando d. Miguel, seu irmão, para regente.

—E o pai não tinha ficado zangado, quando elle separou o Brazil de Portugal?

—Quem te disse que separou?

—Pois tu não disseste ha pouco que elle fez no Brazil como Jorge Washington nos Estados Unidos?

—E' exacto; é exacto... O pai procurou, ou fingiu procurar, desfazer o que o filho fez; mas, não podendo vencer o Brazil na *Guerra da Independencia*, acceitou dois milhões de libras esterlinas e deixou-o em paz com o filho por imperadôr.

—E porque é que d. Pedro, que era portuguez, tomou o partido do Brazil? Washington tambem era inglez?

—E' difficil te responder, meu filho. A tua pergunta é muito razoavel, porque a «*patria*» não é «*onde a gente está bem*», não. *A Patria não se traz nas solas dos sapatos*. Mas que posso eu saber das intenções com que qualquer homem faz alguma coisa?... Baste-nos saber que elle tomou o partido do Brazil: separou-o de Portugal; deu-lhe uma Constituição e, por ella, o *privilegio* do governo á sua dynastia, o que, valha a verdade, equivalia a tirar-nos apenas do jugo a uma outra nação para sermos escravos de uma familia.

—E' vovô; mas, felizmente, a Republica acabou com esse privilegio e, agora, tu, o papai, ou eu, qualquer de nós, pôde ser Presidente.

—Si fôr digno, Alvaro, si fôr digno. Eu, por meu lado, porém, o que quero é descanso: a

(1) Galeria de historia brasileira, ed. Garnier, pag. 100.

velhice não permite á gente de-sejar posições difficeis. Mas que satisfação para mim vêr-te no caminho de prestares á tua Patria os mais altos serviços!

—Tu has de ir á festa de 15 de novembro commigo, Vovô!

—De bom grado. Mas, porque não te lembraste antes, agora que falamos em d. Pedro I, de convidar-me para a de 7 de setembro?

—Que tem 7 de setembro?

—E' o anniversario da nossa Independencia.

—Independencia?

—Sim: a nossa separação de Portugal.

—Com um imperadôr?

—E o que tem isso, Alvaro, si foi esse o caminho da Republica? Porque dêssemos a corôa a um principe ambicioso, ou comprássemos a nossa liberdade por dois milhões, deixámos de fcar uma nação independente? Não nasceu a tua Patria nesse dia? Olha que os bons republicanos não têm esses escrupulos futeis de pessoas e coisas. Nem porque as espadas com que saudaram as tropas o raiar do dia 15 de novembro, tinham na lamina as armas do Imperio, deixou o

triumpho de ser esplendido e a conquista grata á alma republicana.

—Mas olha, Vovô, que tu estás falando como si eu soubesse de tudo. E eu nem sei como d. Pedro I veio ao Brazil.

—E queres, então, que te conte a historia do tempo, em que eu não era nascido!

—Quando é que tu nasceste?

—Tenho 74 annos: faze a conta.

—Quem de 1896 tira 74: 6 tira 4, 2; 9 tira 7, 2; 1822 não é? Ah! E' verdade e sei até o dia!...

—Si o não soubesses?

—Ficavas mesmo, mesmo zangado?

—Brejeiro!... Não sabes, então, como d. Pedro I veio ao Brazil? E sabes como d. Pedro de Alcantara foi II?

—Porque morreu o I?

—Não. Assim é preciso que te explique isto antes daquillo... Mas, Alvaro, os velhos cansam. A minha *madorna* está chamando por mim; vou cochilar um pouco. Setenta e quatro annos!... Faze ideia que sou um homem do tempo da Independencia!... Quasi do tempo do onça!...



NOTAS DE PORTUGUEZ

Syntaxe geral e portugueza

VII

Syntaxe do periodo. — Divisão e subdivisão do periodo. — Necessidade de uma classificação das proposições. — As classificações actuaes. — Critica. — A oração principal absoluta, sua impossibilidade. — Justificação da classificação positiva.

Da mesma arte que as palavras são combinadas para fórmar a oração, estas por seu turno se combinam para fórmar o periodo: tal é o fim da SYNTAXE DO PERIODO.

As nossas grammaticas dividem o PERIODO em GRAMMATICAL e LOGICO OU ORATORIO; definindo PERIODO GRAMMATICAL — AQUELLE QUE TERMINA EM UM PONTO FINAL; e o LOGICO OU ORATORIO — AQUELLE QUE, sem attender ás diversas pontuações, DIZ TUDO SOBRE O ASSUMPTO.

Subdividem-n-o ainda em SIMPLES e COMPOSTO, conforme elle consta de uma ou mais orações. Esta subdivisão, entretanto, não tem razão de ser porque, em fundo, só ha periodos compostos. E' evidente que não temos em vista pronunciar orações destacadas e sim reunidas e combinadas, bem exprimido assim nossas ideias e sentimentos. Eis, pois, a razão pela qual avançamos a afirmar a não existencia dos periodos simples. As orações que trazem para exemplo não são mais que puras abstracções; não existem na realidade, sinão intimamente ligadas a outros juizos occultos.

Passemos á classificação das proposições.

Assim como na zoologia os animaes estão divididos em typos, classes, ordens e familias, assim tambem as proposições, para que sejam melhor comprehendidas, precisam ser classificadas em diversos ramos. Não temos, entretanto, necessidade imprescindivel de tal classificação, porque, em fundo, tanto na vida theorica como na pratica della não temos necessidade.

A classificação das proposições não passa de uma questão metaphysica, não se podendo por isso chegar a um estudo positivo. Ella é filha da abstracção ortologica subjectiva e não da experiencia. E', pois, inutil; não tem character positivo e por isso não comporta demonstração, deixando de ser, portanto, uma questão scientifica.

Toda questão que não tem uma base scientifica, um fim social, nenhuma influencia moral exerce sobre a vida humana. E, estando nesse caso a classificação das proposições, segue-se que a sua importancia é quasi que nulla.

Examinemos, comtudo, das clas-

sificações actuaes, as mais geralmente acceitas.

A que está mais de acôrdo com a logica é a do illustrado grammatico Sotero dos Reis. As classificações adoptadas attendem unicamente ao character grammatical, desprezando a logica do assumpto. E sinão vejamos.

As orações, segundo a maioria dos grammaticos, se dividem em absolutas e subordinadas. Aquellas, dizem elles, são as que constituem sentido absoluto, independente. E' o maior dos absurdos, porque, si assim fôra, isto é, si houvesse uma oração absoluta, que dissesse tudo por si só, não precisando de outras para completar o sentido, não se poderia comprehender qual o fim das outras orações.

As absolutas trazem o verbo no indicativo, no imperativo e no condicional, dizem elles. Entretanto, no caso do condicional — *iria á aula si soubesse a lição* — tanto a oração do verbo IR, que neste caso seria a principal, depende da do verbo SABER, como esta daquella, que por isso não pôde ser absoluta.

As nossas ideias têm entre si relações tão intimas que umas lembram immediatamente outras; e, si as ideias são dependentes umas das outras, é logico que as expressões dessas mesmas ideias não pôdem deixar de participar da mesma natureza. E assim tudo é relativo: eis o unico principio absoluto.

Classificam ainda as orações, conforme os seus verbos, em conjunctivas, participias, infinitas, etc.. Não vemos motivos

para uma classificação assim baseada na forma verbal. A nomenclatura racional deve basear-se na logica dos factos.

Não é tambem racional considerar-se certas orações como INCIDENTES.

Orações incidentes são as que vêm accidentalmente, caso em que se acham todas as que não são principaes.

Vejamos uma nomenclatura mais razoavel.

Da mesma sorte que em nossos juizos ha uma ou mais ideias capitaes, ha tambem no periodo uma ou mais orações que exprimem essas ideias principaes.

E' por isso que dividimos as ORAÇÕES EM — PRINCIPAES e ACCESSORIAS.

PRINCIPAES SÃO AS QUE EXPRESSAM AS IDEIAS CAPITAES; ACCESSORIAS SÃO AS QUE EXPRESSAM IDEIAS SECUNDARIAS.

As principaes pôdem ser: INDEPENDENTES, DEPENDENTES e APPROXIMADAS.

As ACCESSORIAS subdividem-se em ADJECTIVAS, COMPLETIVAS, ADVERBIAES ou CIRCUMSTANCIAES.

As ADJECTIVAS pôdem ser EXPLICATIVAS e RESTRICTIVAS.

As COMPLETIVAS SÃO SUBJECTIVAS, PREDICATIVAS, OBJECTIVAS e TERMINATIVAS, conforme servem de sujeito, predicado, complemento objectivo ou terminativo.

As ADVERBIAES pôdem ser MODAES, TEMPORAES, CAUSAES, FINAES, etc., conforme as circumstancias que exprimem.

S. Paulo, setembro de 1908.

LUIZ CARDOSO

LITERATURA

SETE DE SETEMBRO

*Recebendo, no Ypiranga,
Despachos de Portugal,
Dom Pedro logo se zanga
Sobre o dorso do animal;
E, mostrando um peito forte,
Arranca os laços da manga,
Grita — Independencia ou morte!*

Foi a sete de setembro!

*Inda, collegas, me lembro
Dessa data que nos cobre
Dum orgulho justo e nobre,
Pois o Brazil, desta vez,
Levantou-se soberano
Deixando, além do oceano,
Tudo o que era portuguez!*

*Mas foi José Bonifacio,
Vulto maior que um palacio
Quem teve essa ideia ousada!
Si raiou a independencia,
Ella raiou, em essencia,
Da cabeça desse Andrada!*

A. Peixoto.

AS CARAVELAS

Para Zelinha Neves

*De alegria se recama
O rosto da lusa gente,
Quando vê Vasco da Gama
Chegar dos ceos do Oriente...*

*E, logo, do embarcadouro
Do Tejo, cheio de povo,
Cabral, tendo um sonho de ouro,
Sae atraz dum Mundo Novo!*

*A' flôr do mar nunca visto,
Bailam suas caravelas,
Levando o sangue de Christo
No peito branco das velas!...*

*A principio, toda a frota
Navega, rumo do sul...
Cada nau é uma gaivota
Voando no oceano azul!*

*Abri azas de andorinha
Para o Brazil, caravelas!
A terra onde Vaz Caminha
Achou praias chãs e bellas!...*

*Ella é a patria morena
Chamada de Vera Cruz
Que, de longe, vos acena
Os braços fartos e nús!*

*Voae, ó naves redondas,
Erguendo a ponta dos mastros
Para o ceo que, sobre as ondas,
Se debruça cheio de astros!*

*Como um termo ás vossas maguas,
Olhae no horizonte escuro:
— Lá vem, sorrindo, das aguas
O chão de Porto Seguro!*

A. Peixoto

CASIMIRO DE ABREU

*Dorme em paz, sonhadôr! A primavera
Te junque a campa de viçosas flôres;
E' um tributo que merece o bardo
Pois foi ella na terra os seus amôres!*

*Dorme em paz, sonhadôr! De puro orvalho
A tua sombra cubram os arvoredos,
E a brisa que susurra entre os palmares,
E os seus perfumes te digam mil segredos!*

*E... perdôa si perturbo o teu repouso!
E recebe um beijo meu de despedida;
A um poeta, a um sonhadôr de amôres,
Tambem beijou a rainha Margarida!*

*E ninguem ousou dizer que a nobre moça
Era uma louca assim nesse abandono:
Um poeta — Oh! meu Deus! — é tua imagem,
A sua musa é mais que um nobre throno!*

Maria Amalia.

Canto extremo de um cego

(HISTORICO)

—«Eu tinha um unico amigo;
Tinha só elle e não mais.
Vivia sempre commigo
No exilio da desventura.
Por mais feliz creatura
Não me deixava jamais.

Na minha infancia primeira,
Meus debeis passos guiou;
Na pobreza, na cegueira
Meu condão amenizava
E, quando a esmola faltava,
Elle nunca me faltou.

Era o meu unico affecto ;
Na cegueira, o meu bordão.
Debaixo do humilde tecto
Quando a febre me prostrava,
Quem dos meus males cuidava,
Era só elle—o meu cão.

Todo o dia hontem chameio-o.
Não latiu... não respondeu!
Ai, como dantes não veio!
Quem sabe si anda perdido,
Ou d'algum ferro transido
Quem sabe si não morreu?!

Ou quem sabe si a velhice
Do cego o amedrontou?
Talvez, o ingrato.. o que disse?...
Chamei-te de ingrato, amigo!
Perdão! Não sei o que digo,
Que nem já sei o que sou!

Ingrato—não. Tu não tinhas,
Na pelle involta de cão,
Uma irmã dessas—mesquinhas
Afeições vis—dos traidôres,
Que vão sorrir dos senhores
Nos regios palacios, não.

Ai de mim, tão desgraçado
Que nunca mais te hei de ter!
Quem hoje ao cego acurvado
A peso de tantos annos,
Quem virá dentre os humanos
Piedosa mão lhe extender?!

Quem lhe ha de guiar os passos
Mendigando o escasso pão!
Ou quem lhe ha de abrir os braços,
Quando, á mingoa de alimento,
Ficar na rua ao relento?
Ninguem, ninguem... nem um cão!

Quem me vir o meu Pardinho,
Por piedade, pelos ceos,
Tenha dó do coitadinho,
Que talvez definha á fome,
E dê-lhe do pão que come
Uma migalha, por Deus!

Mas, si o topar moribundo,
Pelo amor que a mãe lhe tem,
Diga-lhe que neste mundo
O cego que elle guiou,
Quando o seu cão lhe faltou,
Morreu de fome tambem!—>

BRUNO SEABRA.

PELA IMPRENSA EXTRANGEIRA

Primeiro congresso dos professôres americanos

(Do «Diario de Centro-America», de Guatemala)

E' indubitavel que o primeiro congresso de estudantes, que se reuniu em Montevideo, teve um exito satisfactorio. Com effeito, apezar de não terem a elle concorrido representantes de todas as nações americanas, o congresso de Montevideo, além de contribuir para se estreitarem as relações latino-americanas, discutiu problemas de summa importancia que devem ser seriamente estudados não só pelos directôres dos estabelecimentos de ensino, mas muito principalmente pelos governos que teem quasi exclusivamente a seu cargo a direcção e orientação da instrucção.

Parece-me que a obra tão dignamente principiada pelos estudantes ficaria incompleta, si a um congresso de estudantes não se seguir um congresso de professôres.

Proponho que se reúna um congresso de professôres das escolas americanas no qual estejam representadas não só as escolas autonomas e particulares, mas tambem as escolas officiaes. O concurso dos representantes officiaes dos diversos governos parece-nos indispensavel, tanto para que tomem conhecimento das opiniões predominantes em questões

pedagogicas, como para que sejam conhecidas as opiniões officiaes sobre os topicos discutidos no congresso de Montevideo, sobre tudo o que se refere a exames, á equivalencia dos titulos nos differentes paizes e ao livre exercicio de profissões sem restricção alguma, sobretudo, no dominio da technica industrial.

No congresso de Montevideo prevalece a ideia de que devem ser mais estreitas as relações entre alumnos e professôres, e que se deve dar vasto, sinão limitado campo de acção, á actividade pessoal e á iniciativa do estudante.

A escola não deve ser uma illusão, mas sim o fiel espelho da vida real.

No dia em que taes ideias entrarem no espirito do corpo docente, ter-se-á dado um passo gigantesco e a escola preencherá os seus verdadeiros fins.

Muitas censuras, ás vezes justificadas, se têm feito ao professorado.

E' este um assumpto de que não se occupou e de que não podia ter-se occupado o congresso dos estudantes, mas do qual deveria tractar o primeiro congresso dos professôres americanos. Com

efeito, si é uma grande verdade que do professorado depende a formação da juventude, é também incontestável que não se podem obter bons professores sinão quando estes tenham verdadeira vocação para o magisterio e quando possam a elle dedicar-se com toda a tranquillidade e sem preocupações extranhas ao seu cargo, para o que o Estado, ou quem o representa, deveria crear aos professores uma situação inamovível e verdadeiramente invejável, de modo a que elles nunca pensassem no abandono do magisterio para se dedicarem ao commercio ou á industria.

Esta observação é especialmente applicavel aos paizes sul e centro-americanos, onde abundam os professores estrangeiros contractados, e que muitas vezes, por diversas razões, não correspondem ao que delles se esperava, sobretudo tomando em linha de conta os preços desses contractos. A ideia de contractar professores estrangeiros é excellente e póde trazer e traz resultados de alto alcance, mas o que é criticavel é a maneira como se leva a cabo a organização do professorado nacional e estrangeiro.

Um professor estrangeiro, uma vez contractado por um ou dois annos, ou deveria ser dispensado si não servisse, ou nomeado definitivamente si os seus serviços fôsses reconhecidos como uteis.

Os professores nacionaes ou estrangeiros deveriam ter os mesmos direitos e ás mesmas obrigações.

Não é com professores improvisados e, sobretudo, com uma

inconstante mudança destes e da orientação do ensino que se poderá tirar resultados proveitosos.

Outro ponto de vital importancia é o da autonomia das escolas e, até certo ponto, dos professores, bem como dos methodos de ensino. Effectivamente não é possível sujeitar todas as escolas e todos os professores a um mesmo molde, introduzindo no ensino as nefastas consequencias da rotina, do funcionalismo e da burocracia. Quanto aos methodos de ensino, não é melhor o que possa estar escripto nos regulamentos, mas sim aquelle que na pratica dê melhores resultados.

Paizes como a Allemanha, Suissa, Estados Unidos, Inglaterra, etc., estão á testa do movimento industrial mundial, como demonstrou o sr. Paulet, directôr da Escola de Artes e Officios, porque têm dado grande importancia ao ensino profissional, que começa logo nas escolas primarias. O ensino profissional é indubitavelmente a base fundamental da prosperidade da moderna industria. Quero dizer com tudo isto que o primeiro congresso de professores, a reunir-se em Lima, deveria prestar especial attenção ao ensino technico-industrial e ao ensino profissional.

Entre os topicos susceptiveis de discussão em tal congresso, destacam-se os seguintes.

17) — Os alumnos devem ser internos ou externos? Qual destas organizações — o internato ou externato — é melhor e porque?

27) — O ensino deve ser gratuito ou não?

37) — Que ensino deve predomi-

nar: o theorico, no qual se comprehendem os cursos, os trabalhos de laboratorio, desenho, etc., ou pratica de officina? Por outras palavras: predominará o ensino scientifico ou a aprendizagem da officina?

47) — Os cursos devem ser publicos ou não?

57) — Os cursos devem ser dados com projecções e experiencias e entre estas quaes convém mais?

67) — Quaes são as materias de ensino mais apropriadas?

77) — Qual deve ser a duração dos estudos?

87) — Que importancia se deve dar a cada curso segundo a especialidade estudada?

97) — Qual deve ser a duração semanal de cada curso theorico?

107) — Que conhecimentos são precisos para entrar nas escolas especiaes de diferentes graus? É necessario ter cursado regularmente as escolas primarias e medias ou basta demonstrar em concurso que se tem os conhecimentos indispensaveis para o officio ou profissão a que o alumno queira dedicar-se?

117) — Qual deve ser o custo, por alumno e por anno, ou por todo o tempo de estudo numa escola technica bem organizada?

127) — Convém ou não que os alumnos façam na escola ou fóra della trabalhos remunerados?

137) — É conveniente ou não que numa escola technico-industrial, se estudem diferentes especialidades ou será necessario que

para cada especialidade se faça organização independente?

147) — Qual é o numero normal e maximo de horas de curso por dia e por semana que um professor pode dar?

157) — Deve-se dar muita importancia ás conferencias sobre assumptos de actualidade? Porque?

167) — Em que cursos e em que circunstancias deve existir certo numero de preparadôres de cursos e de trabalhos praticos?

177) — Qual deve ser no ensino technico-industrial o laboratorio mais bem montado?

187) — Os alumnos, antes de sahir da escola, devem ou não fazer um projecto?

197) — Que importancia se deve dar ao desenvolvimento da iniciativa e que meios se devem empregar para a animar?

207) — Devem subsistir ou suprimir-se os exames?

217) — Deve ou não tornar-se em conta o trabalho do anno?

227) — É util ou não fazer preceder duma aprendizagem o trabalho methodico?

237) — Em que casos seriam preferiveis os cursos diurnos e em quaes os nocturnos?

247) — Quanto tempo deve um alumno passar num laboratorio ou numa officina?

257) — É conveniente ou não, e de que modo, que a escola se encarregue de procurar collocação para os seus antigos alumnos?

267) — É conveniente ou não que os chefes de officina façam parte

do Conselho Directôr duma escola technico-industrial?

Para que o congresso que propomos se leve a effeito, é preciso que se organise uma commissão para a organização dos trabalhos e para a redução do programma definitivo dos assumptos que se devem discutir.

Para este fim muito pôdem contribuir a mocidade peruana, a imprensa local e do estrangeiro, fazendo propaganda desta ideia e o supremo govêrno dando-lhe o seu apoio moral e material.

A intervenção do govêrno seria mais que justificada pela alta importancia do problema de que se tracta e pelos resultados moraes e praticos que seria facil alcançar com despezas relativamente pequenas.

Agradecendo a publicação do presente e esperando o seu valioso concurso para a ideia que apresento e que, segundo a minha modesta opinião, pôdia ser proveitosissima ao paiz—reitero-me, de V. S. attento servo

Prof. Emilio Guarini



DIVERSOS

ORTHOGRAPHIA DA LÍNGUA PORTUGUEZA

Não ha coisa alguma acerca da qual não questionem os homens, sempre dispostos a descobrir imperfeições em tudo e a indicar correções, muitas vezes peiores que os defeitos; e, nesta epoca, em que abundam os criticos e predomina a mania de réformas radicacs, não admira que alguns literatos levantem a questão da necessidade de réformar a orthographia etymologica da lingua portugueza, substituindo-a pela que denominam *sónica*, isto é, que cada som seja representado por um só signal e cada signal correspondente sempre ao mesmo som.

Esses illustres réformadores esquecem que a orthographia de uma lingua nasce como ella e se fixa com as obras dos bons escriptôres classicos, e não soffre réformas radicacs propostas por um ou outro critico.

Esquecem que a orthographia é para quem apprende a lêr e a escrever grammaticalmente e não para os ignorantes. Estes, que muitas vezes falam e pronunciam mal, escrevam como puderem, que nada se perderá com isso.

Nem elles ganharão coisa alguma, si as obras scientificas e literarias fôrem escriptas nessa orthographia contraria ao uso dos classicos.

Quanto aos estrangeiros, não serão certamente os francezes, os inglezes e os allemães que peçam a mudança de nossa orthographia, para que possam apprender o portuguez—elles que em suas linguas conservam a orthographia etymologica.

Não vejo mesmo possibilidade de satisfazer completamente e de modo razoavel, as prentensões exaggeradas dos orthographistas phoneticos, porque temos em a nossa lingua grande quantidade de palavras que significam coisas mui differentes e que, entretanto,

talvez pela má prosodia, só se distinguem quando as escrevemos como por exemplo—*essa e eça, ora e hora, vós e voz, massa e maça, passo e paço, servo e cervo, testo e texto, sella e cella, cesto e sexto, fato e factio, sessão e secção, annular e annullar, retratar e retractar, pesar e pezar*—e muitas outras que só pela orthographia se distinguem e que se não devem alterar.

Dado, porém, que se adopte e sa orthographia que exclue letras dobradas e differentes, por que razão, escrevendo nós *este, esta, isto, nós e vós*, passaríamos a escrever *eça, eça, iço, noço e voço*, em vez de *esse, essa, isso, nosso* e *vosso*, dobrando o *s* e fazendo *s ar?*

Por que razão *sónica* nos pluraes em *ões* de algumas palavras que no singular fazemos terminar em *ão*, como *coração, corações*, onde o *e* é mudo, e podia ser supprimido, escrevendo-se *coraçons*, que rima com *sons e tons*, substituiremos esse *e* mudo por um *i*, letra sibilante, que viciaria a prosodia, como se propõe?

Por que razão *sónica*, sendo os dipthongos sempre longos, pois que não podemos pronunciar duas vogaes unidas em uma só emissão de voz sem que o som se alongue, conservar, contra a prosodia, o dipthongo *ão* em palavras em que elle não sôa, escrevendo *ãmão, vírão, falárão*, em vez de *amam, viram, falam*, como fazem os bons escriptôres, mesmo para distinguir melhor os diversos tempos dos verbos, sem necessidade de accentos?

Reconheço que a orthographia etymologica offerece ás vezes algumas difficuldades, principalmente nas palavras em que entra o *ch*, que ora sôa como *x*, ora como *c*, ora como *k* ou *q*.

Mas, quando se quizesse evitar essa difficuldade, bastaria estabelecer, como regra geral, que o *ch* sôa sempre como *x*; supprimir o *h* nas poucas palavras em que o *ch* sôa como *c* e empregar naquellas em que se dá esse som ao *ch*, do que ha alguns exemplos em palavras mais vulgares.

O que se não pôde soffrer é que, por amôr da etymologia, se escreva—*creo, creas, crea*—quando não pôdemos deixar de pronunciar—*crio, crias, cria*; e que, por amôr da má prosodia, se confunda o adjectivo *gran*, contracção de grande, dos dois generos, com o substantivo *grão*, e se escreva—*Grão Turco, Grão Duque, e Grãs Duquezas*—em vez de—*Gran Turco, Gran Duques e Gran Duquezas*. Assim tambem, antes dos nomes dos sanctos, que comecem por letra consoante, deviamos escrever—*San João, San Thomaz*—como se escreve—*San Thiago* e não—*São João*—pois que *são* e *sã* não é a mesma coisa que *sancto* e a contracção *san*, como muitos acertadamente escrevem.

Julgo tambem desafortunada a pretensão que a orthographia se guie sempre pela prosodia, pois que esta pôde ser viciosa, convindo em tal caso que ella se guie pela orthographia.

Assim, em uma grande quantidade de palavras, fazemos sôar o *pc*, o *pt*, o *ct*, os dois *c* e os dois *m*, como em—*concepção, apto, effectivo, acção e immortal*—e em outras não, por prevalecer nessas a má prosodia, que não deve servir de regra á orthographia.

Pretendem que a orthographia *sônica* é a mais philosophica que a etymologia. Mas, que philosophia é essa que não permite que na lingua escripta se distingam, com signaes differentes, as palavras *homonymas* que designam coisas diversas, e reprova que em outras palavras conservemos as letras que revelam a sua origem?

Parece antes que a philosophia, procurando a verdade e a origem de todas as coisas, mesmo das linguas, nos aconselha que, escrevendo, conservemos a etymologia das palavras.

Basta que a lingua se corrompa pela má prosodia do vulgo; não favoreçamos a corrupção com uma orthographia contraria ao caracter latino da bella lingua portugueza, tão zelosa da sua origem.

VISCONDE DE ARAGUAYA



Instrucção gratuita e obrigatoria

CAUSA DA IGNORANCIA. — PROGRAMMAS PEDAGOGICOS EXTENSOS DE MAIS.

Quem muito abarca pouco aperta.

Paris, março de 1908.

Publicou-se ha pouco um livro intitulado — *A bancarrôta do ensino primario* — e ao lêr todos os factos, todas as investigações, todos os pormenores nelle contidos, acha-se perfeitamente justificado o seu titulo.

Um facto curioso: um capitão teve a ideia de fazer uma investigação cada anno, isto durante seis annos consecutivos, sobre os conhecimentos mais elementares de historia, que tinham os recrutados que eram designados para a sua companhia.

Cada anno interrogou vinte recrutados e no fim de seis annos prefez o numero de cento e vinte.

Entre estes cento e vinte homens, havia um bacharel em letras, trinta e dois que tinham obtido certificado de estudos, setenta e tres que sabiam lêr e escrever e quatorze analphabetos.

Devo acrescentar que esses cento e vinte recrutados faziam parte dos contingentes de quinze departamentos ou provincias. Havia, entre elles, parisienses, picurdos, bretões, normandos, de Tours, provençaes, borgonhezes e vendeanos.

Assim, pois, parece que por estes cento e vinte homens se pôde aquilatar o grau de instrucção entre os jovens francezes no conjuncto dos departamentos.

Eis algumas das suas respostas.

— Quem era Joanna d'Arc?

— Um homem que fez guerras.

— Conhece alguma coisa do reinado de Luiz XVI?

— Era um ex-official que viveu no seculo XIV.

— O que sabe da revolução de 1789?

— Teve por causa a morte de Luiz XV.

— E de Napoleão?

— Civilisou o povo e morreu prisioneiro em Marselha.

— Que é Alsacia-Lorena?

— E' uma provincia de França.

— E a guerra de 1870?

— Houve batalha.

— Que é a Argelia?

— Um paiz em que ha negros.

— Ouviu falar de Gambetta?

— Era um literato.

— E Victor Hugo?

— E' o inventor da vaccina.

Poderia continuar as citações, o que seria divertido, porque as ha muito comicas como se vê. Termino, porém, e vou dar, como conclusão, o resultado desta sextupla investigação.

O resultado foi que dentre cento e vinte francezes de vinte annos, 27 por cento nada sabiam a respeito de Joanna d'Arc, 37 ignoravam a revolução franceza, 40 a guerra de 1870 e 52 quem foi Napoleão.

—
Desta ignorancia a um tempo risivel e lamentavel, muitas pessoas chegaram a accusar os professores como

responsaveis. E' commodo dizel-o, mas é tirar uma deducção muito aereamente.

Os professores ensinam muito aos seus discipulos. Até lhes ensinam tantas coisas que estes não comprehendem, e os poucos alumnos que as comprehendem, esquecem facilmente o que aprenderam na escola.

Actualmente se ensina, ou por outra, se pretende ensinar aos discipulos da escola primaria tudo o que se ensinava noutro tempo (excepção feita do grego e do latim) aos discipulos dos collegios até ao 4.º grau, inclusivê.

Muito mais que os mestres, deve ser recriminado o programma de ensino, que é demasiadamente extenso: *leitura, escripta, grammatica, orthographia, com inclusão da regra dos principios, arithmetica até aos problemas de fracções e regra de tres, historia e geographia da França, geographia geral, historia da Europa, historia antiga, sciencias naturaes no que concerne á classificacão dos vegetaes, respiracão, circulação do sangue, digestão, systema nervoso, desenho geometrico, noções de moral.*

Como é possivel que em seis annos, dos seis aos treze, as desgraçadas creanças, que, por motivos bons ou maus, doença, distancia a que está a escola, neve, trabalho na chacara, faltam em geral á escola duas vezes por semana — possam aprender tantas materias?

Dizia-me um professor que, para seguir dum modo satisfactorio este vasto programma pedagogico, seria preciso que o alumno trabalhasse diariamente seis horas na escola e tres em casa de seus paes. Isso é impossivel.

Por isso os rapazes em geral *cabulam*, mas em muitas meninas, mais estudiosas, tem sido notados symptomas de cansaço intellectual e de exgottamento.

Na verdade, o surprehendente não é que a mocidade, sete ou oito annos depois de haver sahido da escola, tenha esquecido tantas materias; o surprehendente é que ainda se lembrem de algumas.

Sou historiadôr: amo a historia, mas ainda amo mais a França. Por isso me affligiu a ignorancia dos alumnos

das escolas primarias em historia de França. Para averiguar as causas desta ignorancia examinei uns trinta volumes de manuaes e compendios de historia, destinados aos professores e aos alumnos das escolas: *Primeiras licções, Licções preparatorias, Cursos elementares, Cursos medios, Cursos superiores*, etc. .

Segundo o que se dizia, eu temia encontrar nestes livros uma linguagem pretenciosa e que falasse, por exemplo, desde a opoca de Hugo Capeto, da necessidade da revolução de 1789, etc. Mas observei com prazer que fórmam excepção as que assim falam: as descripções e os quadros são exactos e os juizos imparciaes. Com relação ás cruzadas, Joanna d'Arc, Henrique IV, Richelieu, Luiz XIV, a Revolução, o Consulado, o primeiro imperio, grandes figuras e grandes epocas que se prestam a controversias, as apreciações e as conclusões estão com a verdade.

Observei tambem que, apezar do novo programma pedagogico, em cuja factura «a historia da civilisação», «a historia da evolução humana», «a historia social», deveriam substituir nos cursos «a historia das batalhas», todas as batalhas são mencionadas e algumas até descriptas.

E demais, como se poderia narrar a historia sem falar das batalhas, que são os acontecimentos determinantes da mesma?

As batalhas fazem e desfazem as nações; logo tem algum interesse para a historia das nações. Imaginemos que desde o anno mil não se tivessem ferido batalhas. A França não seria mais que uma estreita lingua de terra que se extenderia do rio Loiret até a bahia de Soume e comprehenderia apenas a superficie de cinco departamentos actuaes.

Supponha-se que desde meados do seculo XVI não tivesse havido guerra: a Prussia não existiria e um Hohenzollern reinaria no Brandeburgo.

Supponha-se tambem que não tivessem havido batalhas desde 1815: toda a America do Sul, Colombia, Chile, Perú, Bolivia, Argentina, estariam ainda debaixo do dominio hespanhol.

Outra observação sobre o ensino nas escolas primarias e particularmente da historia.

Entre todos esses livros de ensino historico, os melhores, isto é, os mais apropriados ao seu fim, são os *Cursos preparatorios*, os *Cursos elementares*, destinados ás creanças de seis a nove annos. Os *Cursos medios* e os *Cursos Superiores* parecem-me desenvolvidos de mais, muito abundantes em pormenores e sobretudo demasiado suggestivos para discipulos duma escola primaria, de nove a treze annos de idade.

Não posso conceber uma dessas creanças, filho dum pedreiro, ou dum lenhadôr, a discorrer a serio sobre estes temas prescriptos para os cursos medios e superiores:

«Demonstrar os progressos da auctordade no tempo de Luiz VI, Phelippe Augusto, Luiz IX e Phelippe, o Formoso;»

«Desenvolver as origens dos direitos de Carlos VIII ao reino de Napoles;»

«Desenvolver os resultados politicos (sic) da invenção da polvora de canhão;»

«Demonstrar em que consiste a differença essencial entre a literatura do seculo XVII e a do seculo XVIII;»

«Expôr o estado da Europa em 1806, 1810 e 1815.»

Destas questões, umas não me parecem de necessidade ser estudadas na escola primaria; outras parecem-me exceder ao entendimento de creanças de onze annos. São temas de compôsição para o ensino secundario.

Sem duvida, os livros de historia para os cursos elementares são muito summarios e breves. Mas seria preferivel o que ahi está resumido, a aprenderem, sem comprehendem, o que está desenvolvido nos livros para cursos superiores e para esquecer.

Em resumo: o que mata a instrucção é a propria instrucção, isto é, o excesso de instrucção e a superabundancia das materias ensinadas.

Quer-se ensinar muito aos alumnos das escolas primarias e não se lhes ensina coisa alguma.

HENRIQUE HOUSSAYE



MOVIMENTO ASSOCIATIVO

A sede da Associação Beneficente do Professorado Público do Estado é á rua de Sancta Thereza, n. 28.

Acha-se aberta, nos dias uteis, das 6 ás 9 horas da noite.

Toda a correspondencia social deve ser enviada para a sede.

O presidente da Associação, sr. Fernando Martins Bonilha Junior, reside á rua da Tabatinguera, n. 17; o thezoureiro, sr. Izidro Denser, á rua Vergueiro, 112; o 1º secretario, sr. Demosthenes Marques, ao largo do Cambuçy, n. 4; o procurador, sr. José Theodoro Xavier Sobrinho, á rua Conselheiro Ramalho, n. 106.

O thezoureiro é diariamente encontrado na sede social, das 7 ás 8 horas da noite.

A mordóma do mez de mar-

ço que é d. Brazilia I. da Silva, reside á rua Tabatinguera, n. 7; a do mez de abril, d. Guiomar dos Santos Torrezão, reside á rua da Tabatinguera, n. 33; a do mez de maio, d. Maria Ceslau de Moura, reside á rua Monsenhôr Andrade, n. 22; a do mez de junho, d. Izabel de Serpa e Souza, reside á rua Tres Rios, n. 8; a do mez de julho, d. Guiomar Silva, reside á rua Piratinunga, n. 41-H; a do mez de agosto, d. Ignez Augusta da Conceição, reside á rua Rodrigo Silva, n. 17; a do mez de outubro, d. Maria do Carmo Pinto e Silva, reside á Alameda Nothmann, n. 91; a do mez de novembro, d. Alice Avila de Macedo, reside á rua Rodrigo Silva, 52; a do mez de dezembro, d. Avelina Reis Vieira, reside á rua Conselheiro Furtado, n. 77; a do mez de janeiro de

1909, d. Catharina Ceslau de Moura, reside á avenida Intendencia, n. 61.

A REVISTA DE ENSINO é publicada sob a responsabilidade da Directoria, mas o seu editor-responsavel é o presidente da Associação.

O redactor-secretario deste organ é o sr. professor Augusto Ribeiro de Carvalho, a quem deverá ser dirigida toda a correspondencia que diz respeito áquella publicação, á caixa postal n. 183.

Os preços da assignatura da REVISTA são os seguintes:

Anno . . . 5\$000,

Num. Avulso 1\$500.

Todos os socios quites são considerados assignantes da REVISTA sem retribuição alguma.

Os associados podem obter a REVISTA com abatimento de 50% sobre os preços de assignatura.

A directoria, de acôrde com o art. 42 dos Estatutos, poz em execução um regulamento da caixa de auxilios condicionaes, o qual será distribuido a todos os associados.

Áfim de evitar reclamações relativamente á corresponden-

cia, é de grande necessidade que os srs. associados, sempre que mudem de residencia, o communicuem ao secretario.

Postos medicos

1)—DR. CARLOS MEYER.—E' encontrado na sua residencia, á rua Sebastião Pereira, n. 72, até ás 9 horas da manhã. Dá consultas gratuitas aos associados e faz visitas diurnas ás suas respectivas familias na capital, pelo preço de 5\$000. Tambem se propõe a fazer gratuitamente, analyses em escarros, catharros e outras substancias, para elucidação de diagnosticos clinicos.

2)—DR. ROBERTO GOMES CALDAS.—Dá consultas nas mesmas condições do dr. Meyer. Consultorio—rua de S. Bento, n. 38; residencia—rua Major Quedinho, n. 5.

3)—DR. LICURGO PEREIRA.—Presta seus serviços clinicos nas seguintes condições:

Visitas 5\$000

Consultas aos associados, gratis

Consultorio—rua de Sancta Thereza, n. 9.

4)—DR. N. SOARES DO COUTO.—Presta seus serviços clinicos aos associados nas seguintes condições:

Visitas nos domicilios, 5\$000

Consultas 3\$000

*Residencia e consultorio—
rua Duque de Caxias, n. 22.*

Dentistas

1)—JAYME TEIXEIRA.—*cirurgião dentista. Presta seus serviços profissionais, aos associados e às suas famílias, por preços módicos.*

Gabinete e residencia á rua General Jardim, n. 63.

2)—MARIO LAS CASAS.—*Presta seus serviços profissionais por preços módicos.*

Gabinete—Largo de Bento, n. 12.

OBSERVAÇÃO.—*Os srs. associados devem tractar, préviamen-*

mente, os preços relativos aos trabalhos da arte dentaria, afim de serem evitadas reclamações possíveis.

Pharmacias

Fornecem medicamentos aos associados com abatimento de 20%.

1)—PHARMACIA DE SANCTA THEREZA, de Ignacio Puiggari, á rua de Sancta Thereza, n. 9.

2)—PHARMACIA E DROGARIA de João dos Santos e Comp., á rua de S. Bento, n. 66.

3)—PHARMACIA ASSIS, de C. de Assis Ribeiro, á rua 15 de Novembro, n. 9.



NOTICIARIO

Dr. Bernardino de Campos, Dr. Cardoso de Almeida

Enche-nos de alegria a oportunidade que temos hoje, em nossa *Revista*, de tocar nos nomes desses distinctos paulistas, que tanto têm feito em benefício do ensino, das escolas e do prestígio dos mestres.

E' que elles sempre souberam que, para se ter um bom ensino, é preciso que haja boas escolas regidas por mestres acatados perante a sociedade em que vivem.

Por essa fórma, compenetrando-se os professores da sua nobre missão, mais estreitas serão as relações entre os alumnos e mestres, dando-se vasto, não illimitado campo de acção á actividade pessoal e á iniciativa do estudante.

A escola não deve ser uma illusão, mas sim o fiel espelho da vida real.

Diremos também, como o prof. Guarini, si é verdade que do professorado depende a formação da juventude, é também iucontestavel que não se podem obter bons professores sinão quando estes tenham verdadeira vocação para o magisterio e quando possam a elle dedicar-se com toda a tranquillidade e sem preocupações extranhas ao seu cargo, para o que o Estado, ou quem o representa, deveria crear aos professores uma situação inamovível e verdadeiramente invejavel, de

modo a que elles nunca pensassem no abandono do magisterio para se consagrar ao commercio ou á industria.

Não é com professores improvisados e, sobretudo, com uma constante mudança destes e da orientação do ensino que se podem tirar resultados proveitosos.

Foram esses cidadãos, cujos anniversarios se passam no corrente mez de setembro, os que mais concorreram para o melhoramento da situação do mestre e do ensino no nosso Estado.

Saudamol os, por isso, confessando-nos, mais uma vez, summamente reconhecidos pelo sua actividade e consagração á causa da instrucção, com o elevado intuito de soerguel-a, melhorando-a sempre.

Urge, comtudo, que estejam sempre vigilantes, em qualquer posto que lhes confie a soberania popular, para impedir o esphacelamento do edificio levantado com tantos sacrificios.

Não nos esqueçamos, também, nesta occasião que se nos offerece, de render uma justa homenagem a Gabriel Prestes e á memoria de Caetano de Campos e de Cezario Motta, dedicados collaboradores do Govêrno nesse tamen patriótico e civilisadôr: fazemol-o, satisfeitos, por ser de inteira justiça.

REVISTA DE ENSINO

A *Revista de Ensino* se confessa sumamente reconhecida ás gentilezas dos collegas e espera sempre receber a sua honrosa visita.

O QUE DIZEM DE NÓS

« Veiu ás nossas mãos o n. 2 da bem trabalhada *Revista de Ensino*, organ da *Associação Beneficente do Professorado Publico de S. Paulo*.

Além de bons artigos de verdadeira utilidade civica, traz tambem uma pagina de anotações de portuguez, relativa á syntaxe geral, firmada pelo sr. Luiz Cardoso.

Foi, portanto, com prazer, que recebemos, pela segunda vez, a *Revista de Ensino*, de S. Paulo.»

(Do *Mercantil*, de Palmyra—Minas)

« Recebemos o exemplar da importante *Revista*, organ da *Associação Beneficente do P. P. de S. Paulo*, correspondente ao mez de junho ultimo.

Traz magnifico summario.»

(Do *Imparcial*, de Sertãozinho—S. Paulo)

« Recebemos a *Revista de Ensino*, esplendida revista trimensal do professorado publico.»

(Do *Arauto*, de Porto Ferreira—S. Paulo)

O *Imparcial*, de Sertãozinho, S. Paulo, transcreveu o artigo do sr. prof. Oscar de Sá Campello, lente de inglez da Escola Normal e nosso collaboradôr, sobre o *Symbolismo da Bandeira Norte-Americana*.

Temos permutado a *Revista de En-*

sino com os seguintes orgams dos Estados e do Extranjeiro:

De Portugal—*Educação Nacional*, do Porto;

de França—*Le Paysan de France*, da Capital;

do Mexico, — *La Enseñanza Primaria*, da Capital; *Revista Escolar Chihuahuense*, de Chihuahua;

de Guatemala—*El Guatemateco*, diario official da Republica; *Diario de Centro-America*, da Capital;

do Equadôr — *Boletín de las Escuelas Primarias*, de Guayquil;

da Republica Argentina — *El Magisterio*, *El Monitor de la Educación*, *Común*, *La Higiene Escolar*, de Buenos Aires, *La Escuela Practica* e *Revista de Educación*, de La Plata;

do Uruguay — *Memoria Correspondiente al año 1907*, da *Dirección General de Instrucción Primaria*, da Capital;

do Acre — *O Cruzeiro do Sul*, do Alto Juruá;

do Pará — *A Alvorada*, de Belem;

do Maranhão—*Revista Annual*, do Centro Caixeiral, de S. Luiz, *A Comarca* e *O Commercio*, de Codó, *O Anapurú*, de Brejo;

do Piauihy — *O Commercio*, da Capital;

do Ceará — *Revista «Fortaleza»*, *Revista de Ensino*, *Revista Escolar*, *Revista Andarillica*, de Fortaleza, *Oitenta e Nove*, *O Paladino*, de Baturité, *A Palavra*, de Camocim;

de Pernambuco — *O Missionario*, de Recife;

de Alagôas — *O Gladiante*, *O Popular*, *A Illustração*, de Maceió, *Vinte de Julho*, de Pilar;

da Bahia — *Ad Lucem*, *Boletim*, da Directoria de Agricultura, Viação, Industria e Obras Publicas, da Capital;

do Espirito Santo — *Diario da Manhã*, *Estado do Espirito Santo*, *O Comercio do Espirito Lanco*, de Victoria.

do Rio de Janeiro — *Tribuna de Petropolis*, *O Izabelense*, de Sancta Izabel

do Rio Preto, *O Vagalume* de Niteroy, *O Brazil*, de Friburgo, *O Sorriso* de Macaehé;

do Districto Federal — *O Magneto*, *Revista Militar*;

do Paraná — *A Escola*, do Gremio do Professorado Publico, de Coritiba;

de Santa Catharina — *O Escolar*, de Joinville, *O Estimulo*, de S. Francisco do Sul;

do Rio Grande do Sul — *O Taquaryense*, de Taquary;

de Matto Grosso — *O Brazil*, de Cuyabá;

de Minas Geraes — *O Paraizense* de S. Sebastião do Paraizo, *O Monitor Sul-Mineiro*, de Campanha, *O Passageiro*, de Tres Corações do R. Verde,

O Resistente, de S. João de El-Rey, *Gazeta*, de Ubá, *Gazeta*, de Ouro Fino,

O Commercio, de S. João Nepomuceno, *O Araguary*, de Araguary, *A Voz do Povo*, de Poços, *O Juvenil*, de Bom Successo, *O Guarará*, de Espirito Santo do Guarará, *Correio Catholico*, de Uberaba, *O Mercantil*, de Palmyra, *O Povo*, de Bicas;

de S. Paulo — *Boletim*, da Repartição Demographo-sanitaria, *Germania*, *O Rebate*, *A Verdade e Luz*, *A Nova Cruz*, *Concordia*, *A Revista*, *Nova Revelação*, *O Argus*, *Boletim da Devoção de S. José*, da Capital; *O Mundo Occulto*, *A Cidade*, de Campinas; *A Folha e O Jundiayense*, de Jundiayhy; *Correio do Norte*, de Guaratinguetá; *Cidade*, de Bragança; *Tribuna do Norte*, de Pinda-

monhangaba; *A Imprensa*, de Arara-

quara; *Gazeta e Correio*, de S. Carlos do Pinhal; *Tribuna do Povo*, de Araras; *Correio de Botucati*, *A Folha e Mensageiro*, de Aparecida; *Republica*, *A Cidade*, de Itú; *Quinze de Novembro*, de Sorocaba; *Gazeta*, de Jacarehy; *A Gazeta do Pinhal*, *A Republica* e *O Pihalense*, do Espirito Santo do Pinhal; *A Cidade de S. João* e *A Jardineira*, de S. João da Boa Vista; *A Cidade* e *O Correio Palmeireense*; *O Tempo* e *a Cidade de Faxina*; *O Municipio*, de Lorena; *O Municipio*, de Pirassununga; *A Cidade*, de Dous Corregos; *O Municipio*, *A Imprensa*, e *O Movimento*, de S. Manuel do Paraizo; *O Capivary*, *A Gazeta*, de Capivary; *O Cartiel*, de Batataes; *O Correio Brotense*; *O Cravinhos*; *O Tieté*; *Correio do Sertão*, de Avaré; *Imparcial*, de Sertãozinho; *Gazeta*, de Appolis; *O Mineirense*, *S. João da Bocaina*; *O Porvir*, de S. José do Rio Preto; *Correio do Interior*, de Ribeirãozinho; *A Vera Cruz*, do Gremio Literario Recreativo de Casa Branca; *O Proletario*, e *o Rio Pardo*, de S. José do Rio Pardo; *O Escolar*, *A Folha*, *O Arauto*, de Porto Ferreira; *O Diario*, e *A Folha da Tarde*, de Santos; *Tribuna do Povo*, de Itapetininga; *O Guarapiranga*, de Santo Amaro; *O Tentamen*, de Jahu, *A Comarca*, de Mogyimirim; *O Cachoeirense*, de Piracaja;

Apezar, comtudo, de não haver frequencia nas visitas de um e de outro collega; apezar de nos faltar a visita de um e de outro dos confrades mencionados, dos quaes não temos noticias — ainda lhes enviaremos a *Revista*, até o proximo anno, confessando-nos gratos pela cortezia da permuta.



Ao Fornecedôr DAS ESCOLAS PUBLICAS

Carabina escolar de fabricação propria, distinctivos e medalhas para premios

Rua José Bonifacio, 29 — Telephone, 1658

S. PAULO



Fardamentos escolares e fabrica de bonés. Unica casa neste ramo que fornece tudo que é preciso para os Grupos escolares, Lyceus e Collegios particulares

SECÇÃO DE EXERCICIOS MILITARES
Armamentos, Espadas, Tambôres, Cornetas, Divisas.
Especialidade em Estandartes bordados, Bandeiras e Cortinas.

Vestimentas historicas e phantasticas para representar

CASA DE CONFIANÇA — IMPORTAÇÃO DIRECTA

A. BOGGIANI

Fornecedôr das Escolas Publicas desde o anno de 1884

Vendem-se collecções encadernadas

REVISTA DE ENSINO

ENSINO MILITAR

Brevemente sahirá á luz um livro, contendo, as licções publicadas na «Revista de Ensino», pelo prof. Augusto R. de Carvalho.

Será dividida nas seguintes partes: *escola de recruta sem arma; escola de recruta com arma; escola de esquadra; escola de companhia; escola de batalhão; toques de corneta relativos ao contexto do livro.*



“O PENSAMENTO”

Revista mensal illustrada, independente. Tractando de Magnetismo, Hypnotismo, Therapeutica suggestiva, Astrologia, Clarividencia, Occultismo, e tudo

que se relaciona com os altos estudos da Philosophia occulta.

Remette-se um exemplar-especimen GRATIS

Redacção: Rua Senadôr Feijó, n. A-1 — S. PAULO